

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIEL KEI NAMISE

DOS MITOS AO "MITO": UM ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE MITO POLÍTICO NA ERA
DA COMUNICAÇÃO DIGITAL A PARTIR DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE JAIR
BOLSONARO

CURITIBA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIEL KEI NAMISE

DOS MITOS AO "MITO": UM ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE MITO POLÍTICO NA ERA
DA COMUNICAÇÃO DIGITAL A PARTIR DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE JAIR
BOLSONARO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Kelly Cristina de Souza
Prudêncio

Co-orientador: Mauricio Liesen

CURITIBA

2019

Agradecimentos

O grupo ao qual dedico estes agradecimentos é seletivo. Primeiramente, agradeço meus amigos que me apoiaram e me acompanharam nesta jornada, obrigado por ouvirem meus dramas e reclamações sobre a vida universitária. Em segundo, meu orientador Maurício Liesen, que sem a ajuda dele, apoio e conselhos, esse trabalho nunca teria tido a mesma qualidade. Ele acreditou no meu potencial e me incentivou a fazer o meu melhor. Também devo muito aos meus professores Kelly Prudência, Carla Rizzotto, José Carlos Fernandes e Mario Messagi Jr. que durante estes quatro anos me ensinaram muito sobre comunicação e jornalismo. Não posso esquecer dos meus pais que se não tivessem me fabricado, esse trabalho maravilhoso nunca teria sido realizado. E bom, é isso.

A todos que duvidaram de mim ou que eu me formaria, só queria dizer que foi graças a força do ódio que consegui terminar esse curso. Espero que vocês melhorem, pois viver desejando o pior para o outro é uma forma bem miserável de se viver.

Estes dois parágrafos escrevo após a aprovação e apresentação do TCC. Agora que terminei a faculdade, irei ter minhas merecidas férias, e por uns meses não quero saber de Bolsonaro, Mitos ou política, pois esses temas consumiram toda a cota de sanidade mental desse ano. Nos próximos meses irei zerar os jogos que deixei de lado (*Death Stranding* e Hideo Kojima que me aguardem) e verei Naruto, pois ele é a melhor motivação que se pode ter, afinal o Naruto pode ser um pouco duro às vezes.

Talvez você não saiba disso, mas o Naruto também cresceu sem pai. Na verdade, ele nunca conheceu nenhum de seus pais, e nunca teve nenhum amigo em sua aldeia. Mesmo assim eu nunca o vi chorar, ficar zangado ou se dar por vencido, ele está sempre disposto a melhorar, ele quer ser respeitado, é o sonho dele e o Naruto daria a vida por isso sem hesitar. Meu palpite é que ele se cansou de chorar e decidiu fazer alguma coisa a respeito! Tururu Turururu (tentativa de imitar a música triste do Naruto).

“A história se repete, a primeira vez como tragédia
e a segunda como farsa”.

Karl Marx

RESUMO

Durante as eleições de 2018, viu-se candidatos aos mais variados cargos utilizarem plataformas digitais e as redes sociais para expandir o seu alcance e eleitorado. Um dos mais beneficiados por essa nova estratégia foi o vencedor da corrida presidencial, Jair Bolsonaro, que ao invés de participar dos debates televisionados, optou por realizar *lives* em suas redes sociais. Seu eleitorado o apelidou de “mito”, mas o que isso significa? Na Ciência Política o conceito de mito é frequentemente utilizado para se referir a discursos ou promessas falsas. Em outras palavras, seria sinônimo de uma fabulação a ser revelada pelo pesquisador. O objetivo deste trabalho de abordagem histórico-conceitual e especulativa é discutir o conceito de mito para o campo da Comunicação Política em um cenário marcado pelo uso intensivo das plataformas digitais de informação e comunicação. Para isso, analisa-se a pertinência desse conceito na campanha midiática de Jair Bolsonaro a partir de notícias de jornais, tweets e páginas de Facebook. Esse trabalho parte da hipótese que a apelação do parlamentar não se adequa ao conceito de mitologia política, porém foi adotado por ele como uma forma de marketing eleitoral. Como conclusão, observa-se que a alcunha “mito” se aproxima de uma tática digital de angariar notoriedade chamada de *trollagem*, um termo reelaborado dentro da Comunicação Política contemporânea como uma nova forma de estratégia política e eleitoral.

Palavra-chave: Comunicação Política; Mito político; Mitologia Política; Jair Bolsonaro; Trollagem

ABSTRACT

In 2018's elections candidates for various positions used both digital platforms and social media to expand their reach and electorate. One of the candidates who benefited the most with such a new strategy was the election winner for president, Jair Bolsonaro. Instead of participating in TV debates, he chose to make lives on his social nets. His electorate called him "the myth", but what does that mean? In Political Science, the concept of myth is frequently used to refer to false speeches or promises. In other words, it is a synonym for a fable to be revealed by the researcher. The aim of this historical-conceptual-and-speculative-approached work is to discuss the concept of a myth in the field of Political Communication in a scenario marked by the intensive use of digital platforms of information and communication. For this, the relevance of such a concept in Jair Bolsonaro's media campaign is analyzed based on news from newspapers, tweets and Facebook pages. This work starts from the hypothesis that the parliamentarian's nickname does not fit the concept of political mythology; however, it was adopted as a form of election marketing by him. The work conclusion is that the nickname "the myth" approaches a digital tactic of notoriety-raising called trolling, a term reworked in contemporary Political Communication as a new form of political and electoral strategy.

Keywords: Political Communication; Political Myth; Political Mythology, Jair Bolsonaro, Trolling

LIST DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – **Modelo do sistema semiológico sugerido por Barthes (2001)**. Fonte: Própria (2019) 22
- Figura 2 – **Capa da edição Paris Match analisada por Barthes**. Fonte: <https://blackpropaganda.files.wordpress.com/2010/09/paris-match.jpg>..... 23
- Figura 3 – **Pesquisa Datafolha sobre principais problemas do país**. Fonte: Datafolha..... 39
- Figura 4 – **Reação da página Bolsonaro Opressor 2.0 a reportagem da Jovem Pan sobre o dinheiro doado pela JBS para sua campanha de 2014**. Fonte: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss/>. Acesso em: 16/09/2019 48
- Figura 5 – **Montagem com a imagem de Bolsonaro no centro da bandeira do Brasil sendo apresentado como única opção para o Brasil durante as eleições**. Fonte: <https://www.facebook.com/bolsonaros2>. Acesso em: 23/09/2019 50
- Figura 6 – **Gravura representando Bolsonaro lutando contra seus inimigos, o desenho faz referência a luta de Hércules contra Cerberus, o cão do inferno**. Fonte: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss/>. Acesso em: 23/09/2019 50
- Figura 7 – **Montagem onde Bolsonaro é colocado junto a heróis da cultura popular atual, Homem de Ferro, Capitão América, Batman e Homem Aranha**. Fonte: <https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro>. Acesso 23/09/2019..... 51
- Figura 8 – **Comparação entre manifestações a favor do Impeachment de Dilma Rousseff (à esquerda) e de eleitores pró-Bolsonaro (à direita)**. Fonte: autoria própria 63
- Figura 9 – **Tweets de Patton Oswalt que separados podem ser entendidos como uma trollagem**. Fonte: <https://twitter.com/pattonoswalt> 70
- Figura 10 – **Resposta de Jair Bolsonaro ao tweet de Fernando Haddad durante as eleições**. Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro> 73

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 ESTADO DA ARTE	11
1.2 CAMINHO A SER SEGUIDO	14
2. O MITO POLÍTICO	15
2.1 O QUE SIGNIFICA MITO?	15
2.2 SOREL (1847 – 1922)	17
2.2.1 O mito soreliano	18
2.3 BARTHES (1915 – 1980)	20
2.3.1 Mitos para Barthes	21
2.4 GIRARDET (1917 – 2013)	25
2.4.1 A mitologia política proposta por Girardet	25
3.1 CARREIRA POLÍTICA	28
3.2 CAMPANHA ELEITORAL 2018	32
4. OS MITOS POLÍTICOS E O BOLSONARISMO	35
4.1 A CONSPIRAÇÃO COMUNISTA	36
4.1.1 O antipetismo	38
4.1.2 Como a população enfrenta a conspiração	41
4.2 O SALVADOR É BRASILEIRO	42
4.2.2 A questão moral e política	46
4.2.3 A representação do herói na era digital	49
4.2.4 Que tipo de herói Bolsonaro é?	52
4.3 A IDADE DE OURO	53
4.4 A UNIDADE	57
4.5 MITOLOGIA BOLSONARISTA REVISITADA	63
5. UM NOVO TIPO DE DISCURSO POLÍTICO?	65
5.1 TROLLS	67
5.2 A TROLLAGEM NA POLÍTICA	70
6. CONCLUSÃO	75
BIBLIOGRAFIA	77

1. INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais de 2018 foram marcadas pelo extensivo uso das redes sociais¹. Elas favoreceram muitos candidatos que tinham poucos recursos de campanha, contribuindo para alavancar votos e derrubar adversários. O exemplo mais notório disso foi Jair Bolsonaro, cuja campanha foi conduzida majoritariamente via plataformas digitais, haja vista a sua ausência em debates televisivos e participação em palanques após o atentado que sofreu em 6 de setembro de 2018². Seus gastos eleitorais comprovam a eficácia dessa tática, uma vez que sua campanha teve um gasto 20 vezes menor que a de seu principal adversário, Fernando Haddad³.

A estratégia de utilizar a internet em benefício próprio não é uma novidade entre os políticos: Barack Obama, Donald Trump, Narendra Modi e Matteo Salvini são alguns exemplos disso⁴. Desde os protestos de 2013, Jair Bolsonaro se tornou um fenômeno na internet, como aponta matéria da BBC “Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens?”⁵. De acordo com os especialistas entrevistados pelo jornal britânico, o ex-capitão já se mostrava um dos principais atores políticos na internet, e parte de sua força vinha de jovens que participaram ou simpatizavam com as manifestações de 2013, e que viram em seu discurso uma saída para suas reivindicações.

Os efeitos desse aumento de sua popularidade foram sentidos em 2014, quando foi eleito o deputado federal do Rio de Janeiro com o maior número de votos. Nos quatro anos que se

¹ Beatriz B. Polivanov define redes sociais em seu artigo *Fazendo a faxina no Facebook: implicações do gerenciamento e comunicação com a Rede de Contatos para Dinâmicas de Autoapresentação* (2014) como sites que possuam as seguintes características básicas: (1) permite a criação de um perfil, (2) possibilita a (semi)publicação da rede de contatos dos usuários, e (3) e proporciona interação entre os usuários através de mensagens públicas ou privadas.

² No dia seis de setembro de 2018, ao realizar um ato de campanha em Juiz de Fora (MG), o até então candidato à presidência Jair Bolsonaro levou uma facada enquanto era carregado nos ombros por um dos apoiadores. Adélio Bispo de Oliveira, o autor do atentado, se aproximou do político e desferiu uma punhalada que atingiu o abdômen de Bolsonaro, o obrigando a ser internado com urgência e ser submetido a diversas cirurgias ao longo dos meses que se sucederam.

³ De acordo com dados disponibilizados pelo TSE, Jair Bolsonaro gastou um total de R\$2.456.215,03 em sua campanha eleitoral, enquanto Fernando Haddad R\$37.503.104,50. Disponível em: <http://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/estados/2018/2022802018/BR/candidatos>

⁴ Tal fato ganhou bastante relevância na cobertura política da imprensa internacional, como por exemplo, no El País (disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540388654_185690.html), na BBC (disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-india-27122608>), ou no The Guardian (disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/dec/17/revealed-how-italy-populists-used-facebook-win-election-matteo-salvini-luigi-di-maio>)

⁵MACHADO, Leandro. Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens? BBC Brasil, São Paulo, 16 de nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41936761>

passaram, Bolsonaro só atraiu um número cada vez maior de seguidores nas suas redes sociais, 4 milhões de seguidores no Twitter e 9,5 milhões no Facebook (número extremamente altos quando comparados a dos ex-presidente Lula, que possui 7,5 mil no Twitter e 4 milhões no Facebook, e da ex-presidente Dilma, que contabiliza 6 mil e 3 milhões respectivamente)⁶.

Por ser um político que nos últimos anos alavancou sua carreira através do intenso uso das redes sociais, não é de se estranhar que a pesquisa Datafolha de 28 de setembro de 2017, tenha apontado que cerca de 60% dos eleitores de Bolsonaro eram jovens entre 16 e 34 anos⁷. Um levantamento realizado pelo Ibope no mês de novembro do mesmo ano confirmou esses dados e mostrou que 90% dos eleitores do político têm acesso a internet⁸. De acordo com a matéria da BBC Brasil, esse mesmo grupo foi o responsável pela criação do apelido “mito” (ou Bolsomito) pelo qual Bolsonaro é comumente chamado por seus seguidores nas redes sociais.

Ao pesquisar o termo “mito” no Google Trends⁹, entre o período de 2013 até 2019, verifica-se que entre os assuntos e consultas relacionadas a essa palavra, os resultados que ocupam as primeiras posições estão ligados ao nome do parlamentar, comprovando a eficácia de tal apelação. É óbvio que quando os eleitores de Bolsonaro o chamam de “mito”, eles buscam exaltar a imagem do político, o que condiz com um dos significados da palavra, que de acordo com o dicionário é: “representação de fatos ou de personagens distanciados dos originais pelo imaginário coletivo ou pela tradição que acabam por aumentá-los ou modificá-los”¹⁰(MICHAELIS, 2019).

Essa definição de mito está ligada a sua origem na religião e na filosofia, onde ele é sinônimo de narração fantástica que conta feitos de deuses ou seres fantásticos. Entretanto, mito também está presente em outras áreas do conhecimento. Na Ciência Política ele perde sua característica de história sobre um passado ou origem gloriosos e passa a ser sinônimo de

⁶ Dados retirados em 26 de maio de 2019 dos perfis oficiais de Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff em suas respectivas redes sociais. Links dos perfis: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>, <https://www.facebook.com/Lula/>, <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/>, <https://twitter.com/jairbolsonaro>, <https://twitter.com/LulaOficial> e <https://twitter.com/dilmabr>.

⁷ Disponível em:

<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2017/10/02/0fd1b3a0cedd68ba47456fb25bc91299.pdf>

⁸ Disponível em: http://www.ibopeinteligencia.com/arquivos/JOB_0914_ELEIÇÕES%202018%20-%20Relatório%20de%20tabelas.pdf

⁹ Google Trends é uma ferramenta do Google que mostra a frequência em que um termo foi buscado em determinado período, independente do país ou do idioma. Disponível em <https://trends.google.com/trends>

¹⁰ "Mito", in Dicionário Michaelis, disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>. Acesso em 28/04/2019.

mentira. Mesmo que a ideia de enganar os cidadãos possa ser considerada uma prática repudiada, Platão justificava “o uso da mentira, pelos governantes, como forma de guiar melhor seus comandados” (MIGUEL, 2004, p. 381).

O uso desse tipo de tática pelos políticos não é uma novidade na história, autores como Barthes, Sorel e Girardet analisaram e estudaram diferentes períodos e encontraram elementos que compõem aquilo que denominaram mitos e mitologias políticas, que seriam uma “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real” (GIRARDET, 1987, p. 13). Além disso, eles teriam também a função de explicar o presente e mobilizar as massas. De acordo com esses autores a presença de mitos e mitologias políticas sempre foi uma constante na história humana, principalmente em momentos de crise.

Como Girardet explica em seu livro *Mitos e Mitologias políticas*, originalmente publicado em 1986, as pessoas ficam mais suscetíveis a acreditarem em figuras mitológicas em períodos de instabilidade social, econômica ou política. Ele ressalta que a mídia ganhou papel fundamental na criação de cenários mitológicos, já que com os avanços dos meios de comunicação, ela se tornou quase que onipresente. Bezerra complementa ao avaliar que a “política se utiliza da espetacularização do social para, através de imagens que assumem a forma do real, atingir às demandas dos imaginários individual e coletivo” (BEZERRA, 2011, p. 3).

No livro *Desenvolvimento e Crise no Brasil* (2003), Luiz Carlos Bresser-Pereira¹¹ faz uma análise econômica e política do período compreendido entre o primeiro governo de Getúlio Vargas até o governo Lula. Em seu estudo fica perceptível que ao longo do último século o país passou por diversas crises democráticas, econômicas e sociais que permitiram que políticos se aproveitassem da situação e as usassem ao seu favor a fim de colocar em prática seus projetos de poder. Em todos os casos a mídia da época teve papel fundamental. Um exemplo disso foi o golpe militar de 1964. Naquela época o Brasil se encontrava em uma situação de instabilidade política causada pela saída de Jânio Quadros da presidência. O seu sucessor era João Goulart, porém uma ala do governo era oposta a sua posse, pois acreditavam que ele mantinha vínculo com o Partido Comunista Brasileiro.

Ao longo de dois anos, essa conjuntura política permitiu a formulação da seguinte versão dos fatos: Jango estaria orquestrando um golpe comunista, os únicos que poderiam impedir isso

¹¹ Luiz Carlos Bresser-Pereira é economista, advogado, cientista político e social brasileiro. Desde 1959 é professor de economia e ciência política da Fundação Getúlio Vargas e foi ministro da Fazenda do governo Sarney.

eram os militares, que apoiados pelo povo deveriam derrotar a “ameaça vermelha” e restaurar a paz no Brasil que existia antigamente. Como dito anteriormente, a mídia exerceu papel fundamental na criação desse cenário. Os jornais da época divulgaram amplamente as campanhas que buscavam fomentar a opinião pública a favor do golpe. Isso culminou na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que garantiu a “espontaneidade” e “legitimidade” que os golpistas buscavam.

Embora seja um exemplo datado, ele serve para entender um pouco da lógica narrativa por trás dos mitos políticos. Passados mais de 55 anos desde o dia 31 de março em que foi instaurada a ditadura militar, e quase 30 do fim da União Soviética, sabe-se que não havia um plano comunista sendo tramado ou algo parecido, e que as razões que levaram os militares ao poder foram bem mais complexas do que foi apresentado à população. Mesmo assim, isso não significa que a sociedade brasileira tenha abandonado o uso de narrativas falaciosas para explicar problemas complexos, pelo contrário, a atual crise política brasileira mostra que eles continuam a atuar sob o imaginário coletivo das pessoas.

Os meios de comunicação também se transformaram e mudaram a dinâmica entre emissor e receptor. O que permite um contato mais direto entre a população e governantes. A partir desse novo cenário comunicativo, é proposto a discussão conceitual sobre a presença e formulação dos mitos políticos em um cenário marcado pelo uso intensivo das plataformas digitais de informação e comunicação. Para isso se usará elementos da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, como post em páginas pró-Bolsonaro no Facebook, declarações dadas em *lives*, entrevistas e comícios, e o seu plano de governo, uma vez que eles servirão de ilustração de como as narrativas mitológicas se estabelecem em um ambiente digital.

1.1 ESTADO DA ARTE

Ao realizar um mapeamento dos trabalhos acerca desse tema, através das seguintes plataformas: Scopus¹², Scielo¹³ e Google Acadêmico¹⁴ (três das maiores plataformas de pesquisa de trabalhos acadêmicos), é possível verificar que há uma grande quantidade de produções acadêmicas sobre o tema mito político e mitologia política (a soma dos resultados nas três plataformas chega a aproximadamente 37.600 mil artigos). Como eles utilizam um

¹²Disponível em: <https://www.scopus.com/search/form.uri?display=basic>

¹³Disponível em: <https://www.scielo.org>

¹⁴Disponível em: <https://scholar.google.com.br>

sistema de buscas variado, que pode ser por autor, periódico em que foram publicados ou palavra-chaves, optou-se por utilizar esse último como mecanismo de pesquisa.

Em um primeiro momento, delimitou-se os resultados a trabalhos produzidos entre o período marcado pela crise política e social brasileira que teve início com as chamadas *Jornadas de julho* de 2013 e se estendeu até o fim das eleições presidências de 2018. Em seguida, buscou-se aqueles que contivessem em seus resumos os termos: “mito político” e “mitologia política”. Obteve-se cerca de 14.100 resultados, a maioria se encontra nas áreas de história, ciência política e comunicação. Elas abordam a forma como narrativas mitológicas são criadas e desenvolvidas pelos políticos.

Dentre os resultados obtidos, escolheu-se dois que exemplificam a forma como os estudos sobre esse assunto são conduzidos e por terem como objetos de estudo ex-presidentes recentes do Brasil, algo que se assemelha ao que é proposto nesse. Um deles foi a tese de doutorado da Katia Saisi (2010). Ela analisou a cobertura jornalística da campanha de 2010 de Dilma Rousseff, e a partir do enquadramento de artigos dos principais jornais de São Paulo e das propagandas eleitorais, a pesquisadora explica a forma como eles contribuíram para a criação de mitos e narrativas envolvendo a ex-presidente.

Em contrapartida a essa pesquisa, temos a tese de doutorado em Ciências da Comunicação de Mariana Rezende dos Passos (2017), que fez o caminho inverso ao de Saisi. Ao invés de estudar a forma como a mídia cria mitos, ela buscou entender como a mesma os desconstrói. O foco de seu trabalho foi a forma como os meios de comunicação abordaram as investigações da Operação Lava Jato em torno do ex-presidente Lula. Durante sua dissertação, ela averiguou como a mitologia em volta dele foi acionada e prejudicada pela ação da imprensa.

Após obter esses resultados nas plataformas de pesquisa já mencionados, refinou-se mais ainda a busca ao se pesquisar somente produções conduzidas na área de comunicação, uma vez que esta monografia é conduzida nesse campo do conhecimento. Em seguida, adicionou como um dos termos do sistema de buscas o nome do objeto de estudo, no caso “Bolsonaro”. A ideia era sondar se já houve algum trabalho com objetivo semelhante ao nosso na área da Comunicação. Embora ele possua uma carreira política de mais de 30 anos, ele sempre foi visto como um deputado do baixo clero da Câmara dos deputados, tendo só aumentado sua popularidade e espaço na mídia a partir de 2013. Por isso não há muitas

produções que o têm como foco, mesmo assim, foi possível identificar e selecionar algumas pesquisas cujo dados e resultados contribuirão para a conclusão deste trabalho.

Pode-se citar a dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Priscilla Cabral Dibai, cujo estudo avaliou as declarações de Bolsonaro ao longo de seus 30 de vida pública como político e como elas contribuíram para a criação de sua imagem. Também deve-se mencionar o estudo orientado pelo pesquisador Richard Romancini (RIBEIRO et alii, 2016), que analisou o papel das redes sociais na construção do discurso da nova extrema direita brasileira, em específico a forma como Bolsonaro fez isso. Ele demonstra como o compartilhamento de fotomontagens e outros tipos de conteúdo colaborou também para a criação da imagem do parlamentar como representante desse espectro ideológico. Isso será retomado ao final de nossa pesquisa, uma vez que autores como Girardet apontam que a forma como figuras públicas são retratadas em fotos, quadros ou outros tipos de imagens, reforçam a criação de mitos acerca desses personagens.

O resultado mais relevante entre todos foi o trabalho de conclusão de curso do historiador Alessandro Souza Alves (2016), que fez algo semelhante ao que é proposto nesse trabalho, porém ao invés de analisar o discurso de Bolsonaro, ele avaliou os mitos e mitologias políticas criadas a partir do compartilhamento de memes¹⁵ nas redes sociais. Em sua pesquisa, Alves analisou principalmente imagens criadas e que “viralizaram” no Facebook e Twitter e como elas contribuíram para a construção atualizada de uma mitologia política brasileira. Entre os objetos estudados estavam algumas imagens que faziam referência a Jair Bolsonaro como um possível salvador da pátria.

A partir desta apuração verifica-se que na área da comunicação já houve trabalhos que avaliaram a criação da imagem pública de Jair Bolsonaro a partir de suas declarações ao longo de sua carreira política. Entretanto, não houve uma problematização do termo “mito” nesse cenário político envolvendo o parlamentar, nem se seu discurso em relação às origens e soluções para crise brasileira pode ser considerado mitológico. Como dito anteriormente, este estudo busca responder a essas perguntas, mas tem como objetivo principal debater os conceitos de mito político e mitologia política no atual cenário comunicativo.

¹⁵ Os memes são tudo aquilo que os usuários da internet compartilham e repetem. Podem ser uma ideia que assume a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, site, hashtag, ou mesmo uma simples frase ou palavra. Essa definição é apresentada na tese de pós-doutorado de Natália Botelho Horta pela Universidade de Brasília. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf

1.2 CAMINHO A SER SEGUIDO

Para se adentrar na temática dos mitos na área da política, utiliza-se como base o trabalho de Luis Felipe Miguel (2000) que é professor titular de Ciências Políticas da Universidade de Brasília e um dos principais pesquisadores do assunto no Brasil. Em seus trabalhos, ele aponta três autores que são fundamentais para o estudo sobre esse tema, eles são: Georges Sorel, Roland Barthes e Raoul Girardet. Os trabalhos desses pensadores possuem enfoques distintos, mas quando unidos, um complementa o outro.

Após realizar esse levantamento histórico conceitual, estuda-se a forma como alguns elementos campanha eleitoral de 2018 de Bolsonaro foram elaborados e criam uma narrativa mítica. Ao mesmo tempo em que isso é feito, discute-se de que forma o conceito de mito político foi afetado pelo novo cenário comunicacional marcado pelo uso das novas tecnologias digitais e da proliferação de propagandas e *fake news*, uma vez que grande parte dos estudos sobre esse assunto foram realizados em um contexto anterior ao surgimento da Internet. Também buscou-se averiguar nesse segundo momento se a caracterização de “mito” que o político recebe por parte de seus eleitores se enquadra nas definições de mito político, ou se isso é referente a um outro fator. É preciso frisar que esse trabalho é orientado por uma abordagem teórica que ao invés de se preocupar com a análise específica de objetos midiáticos, usa as mesmas para ilustrar um determinado conceito.

Com esse intuito, explora-se o conceito de *trollagem* no campo da Comunicação Política, que pode ser visto como uma nova forma de estratégia política para se ganhar notoriedade e alcançar um eleitorado mais novo. Percebe-se que esse novo tipo de discurso contribui para a criação de mitologias políticas, porém esta tática possui mecanismos diferentes dos normalmente utilizados, isso será discutido melhor na conclusão deste trabalho, onde é feita uma recapitulação de todos os tópicos abordados.

2. O MITO POLÍTICO

De forma esporádica, os cidadãos devem escolher através do voto seus representantes, isso deve ser feito de forma consciente, analisando quais são as propostas que irão beneficiar da melhor forma a sociedade como um todo. Essa é a visão “ideal” do sistema democrático representativo, onde ela seria uma atividade totalmente racional, porém os discursos dos políticos muitas vezes mexem com paixões e emoções dos eleitores, levando-os a tomarem decisões de forma impulsivas. Isso não quer dizer que se deva condenar todo e qualquer discurso que contenha elementos emotivos, pelo contrário, isso faz parte do jogo político uma vez que desperta o interesse e fascínio nos cidadãos.

Os mitos fazem parte do conjunto de elementos irracionais que permeiam os discursos políticos, eles podem estar disfarçados de programas de governo, projetos utópicos, ou explicações para uma determinada situação, mas independentemente de sua forma, os mitos políticos “promovem uma relação emocionalizada entre o público e os conteúdos da mensagem política” (MIGUEL, 2000, p.11). Afirmar que eles são as bases do discurso político é um erro, ele é só uma parcela em maior ou menor tamanho deles, que está incorporado na parte irracional das mensagens. Então, primeiramente, antes de iniciar o estudo sobre as obras dos três pensadores clássicos já citados anteriormente, Sorel, Barthes e Girardet, é preciso discorrer mais sobre o que é mito e sua conotação na política.

2.1 O QUE SIGNIFICA MITO?

Entre os anos 385 e 380 a.C, Platão escreveu seu livro “A República” (2003). Nele o filósofo apresenta o conhecido Mito da Caverna, uma história sobre um grupo de pessoas acorrentadas e que passam o tempo inteiro olhando para sombras projetadas em uma parede. Para eles aquilo era o mundo real, e não havia nada e ninguém que pudesse convencê-los do contrário. Nessa lenda, existiram aqueles que conseguiram escapar da caverna e ver o mundo além, porém quando retornaram e contaram a seus companheiros o que testemunharam, foram taxados de loucos, ameaçados e excluídos daquela comunidade.

Desde que foi escrita, o Mito da Caverna serviu para ilustrar uma das mais antigas discussões da história do pensamento humano: será que realmente percebemos a realidade? O homem sempre procurou dar sentido ao mundo, na Antiguidade ele fazia isso através de narrativas fantásticas, os chamados mitos. Quando eles começaram a serem sistematizados e organizados em uma única obra, como é o caso da *Teogonia* (2001), escrito por Hesíodo no

século VIII a.C, eles criam aquilo que é conhecido como mitologia¹⁶, uma forma de tentar racionalizá-los. Com o passar do tempo, esse tipo de explicação foi sendo substituída por aquelas que tinham como base o pensamento lógico e, conseqüentemente, o conhecimento científico.

Mesmo com a ascensão da razão como guia do progresso humano, os mitos nunca deixaram de serem usados ou relevantes. Desde o século VI A.C, filósofos como Teógenes, de régia, buscavam outras formas de se compreendê-los. Parte disso vem do fato de que elas sempre foram fonte de inspiração para várias áreas do conhecimento, pois a mitologia grega, com todas suas lendas sobre deuses, heróis e tragédias, foi a base para a cultura ocidental. Muitas vezes eles funcionam como “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade” (CHAUÍ, 2000, p. 5). Alguns começaram a entendê-los como alegorias para eventos da natureza ou da condição humana. A própria psicanálise encara os mitos dessa forma. Freud e Jung em suas teorias mitológicas os viam da seguinte forma:

os mitos estão todos numa região da mente humana, a que chamam inconsciente coletivo, uma espécie de repositório que todos possuímos da experiência coletiva. Neste lugar, os mitos se encontram. O inconsciente coletivo é, como o nome diz, algo compartilhado pela humanidade toda, é um patrimônio comum. Ao mesmo tempo existe em cada um de nós. Assim eles explicam como os mitos do Sol podem aparecer desde o Egito Antigo até os incas da América do Sul, passando, quem sabe, pela praia de Ipanema a cada verão. (ROCHA, 1996, p. 5)

A Antropologia segue raciocínio semelhante, porém ela compreende que há uma relação entre mitos e contexto social, o que permitiria entender o pensamento e as estruturas das sociedades de diferentes períodos históricos, através das análises das mitologias criadas por cada um.

Esses são alguns exemplos dos mais diversos conceitos de mito, que se somam a outros. O que eles têm em comum é a base conceitual de que esse tipo de narrativa seria algo passível de ser interpretado. Na política isso não seria diferente, pelo contrário, a busca por uma explicação para os problemas sociais é um dos principais objetivos dos governantes, uma vez que isso permite sua manutenção no poder, essa interpretação da realidade é explicada por Miguel:

¹⁶ A palavra mitologia vem da união de dois termos gregos, *mythos* e *logos*. A primeira pode ser traduzida como narrativa ou discurso, pertencendo ao campo semântico do saber. Já a segunda, tem como sentido a ideia de “razão”. Logo mitologia seria a racionalização e sistematização dos mitos.

A política combina, sem que se possa desligá-los por inteiro, julgamentos factuais e juízos de valor. A interpretação da realidade sempre está em jogo nos debates políticos. Avaliar os fatos e as tendências, dar-lhes sentido, é um dos objetivos pelos quais lutam partidos políticos opostos. (MIGUEL, 2000, p. 23)

Como dito anteriormente, na área das ciências políticas, o mito se torna um sinônimo de mentira, mas isso não significa que ele não possua valor, pelo contrário, o que está em jogo é sua eficácia como explicação e não sua veracidade. O próprio conceito de verdade se torna relativo quando consideramos que há pensadores que “acreditam que ela não exista e que o que chamamos verdade não passe, no fundo, de uma versão bem-sucedida sobre um determinado acontecimento” (ROCHA, 1996, p. 6). Dessa forma, o mito político se caracteriza por conseguir influenciar o pensamento e as ações humanas, legitimando às ações dos atores políticos.

Para que um ele seja bem-sucedido, sua narrativa precisa conter fortes símbolos que façam parte do imaginário coletivo. Ele retira desses meios os elementos que considera úteis e que lhe dão significado, porém o mito político é limitado pelos mesmos, já que qualquer símbolo que não pertença a esse meio pode interferir nos resultados desejados (GIRARDET, 1987 p.17). Em outras palavras, ele é baseado nos valores de cada sociedade em determinado período histórico. Ele possui regras e uma lógica específica que seguem padrões em suas formulações. Isso permite que as narrativas míticas no campo da política tenham como característica fundamental a capacidade de ser reciclado e reutilizado, o que significa que suas estruturas permanecem as mesmas, alterando-se somente os protagonistas, que variam de acordo com o contexto em que são invocados.

Entretanto devido às suas especificidades, ele não pode ser compreendido por completo a partir das noções clássicas apresentadas pela filosofia, religião, entre outros, portanto, para se ter um entendimento melhor sobre o tema é preciso avaliar os estudos de autores que já o abordaram. Inicia-se por Georges Sorel, que pode ser considerado o primeiro a estudar sobre os mitos políticos.

2.2 SOREL (1847 – 1922)

Georges Eugène Sorel foi um engenheiro formado pela École Polytechnique, porém é mais conhecido por ser teórico do sindicalismo revolucionário. Sua carreira como cientista político teve início em 1892, quando após trabalhar por vinte cinco anos na área da construção civil como chefe do Departamento de Estradas e Pontos do Estado francês se aposentou. O historiador Jeremy Jennings (1990) organizou a tradução da edição inglesa das obras de Sorel, e escreveu na introdução que foi nessa mesma época que o filósofo francês teve seu primeiro

contato com as teses de Marx, que por não ter uma familiaridade com o trabalho do teórico socialista, acabou vendo, inicialmente, o Marxismo como uma ciência. Essa visão logo mudaria conforme aprofundou seus conhecimentos sobre essa corrente ideológica.

O teórico também sofreu influências dos trabalhos dos maiores pensadores de sua época. Nas notas de rodapé de sua principal obra, *Réflexion sur la violence* (Reflexões sobre a violência), percebe-se isso, uma vez que ele cita autores como Friedrich Nietzsche, Karl Marx, Alexis de Tocqueville e outros autores iluministas da Terceira República¹⁷. O cenário político também contribuiu para o pensamento soreliano, em específico dois acontecimentos: o surgimento do sindicalismo na França e o caso Dreyfuss¹⁸.

Todo esse contexto intelectual e histórico é expresso em *Réflexion sur la violence*, que como Miguel lembra (2001, p. 31) não exalta a violência, mas faz uma distinção entre força brutal e barbárie. Nesse livro, o pensador francês exprime suas preocupações com os aspectos jurídicos do socialismo, ao mesmo tempo que apresenta ideias originais acerca da luta política de seu tempo, que em sua maioria estão centradas no conceito de mito.

2.2.1 O mito soreliano

O mito político é um dos conceitos mais importantes para Sorel, ele o apresenta em *Réflexion sur la violence*. Nessa obra, o autor discorre sobre a ideia de que “a mente do homem é constituída de tal forma que não pode permanecer satisfeita com a mera observação dos fatos, mas deseja compreender a razão intrínseca das coisas” (SOREL, 1999, p. 24, tradução nossa)¹⁹, ainda de acordo com o autor a razão não é capaz de compreender a realidade como um todo e que portanto alguns aspectos dela só poderiam ser entendidos a partir da intuição²⁰. Sorel utiliza

¹⁷ Regime republicano que vigorou na França entre 1870 a 1940, sendo considerado o primeiro durável desde a Revolução Francesa.

¹⁸ Escândalo político ocorrido em 1894, que centrava na condenação por traição do oficial do exército Alfred Dreyfus. Seu caso foi julgado a portas fechadas e com base em documentos falsos que o incriminava. O caso Dreyfuss dividiu a opinião pública por anos e levou a descoberta de um sistema de corrupção na Terceira República. Mais informações em: <http://www.justificando.com/2017/06/09/caso-dreyfus-eu-acuso/>

¹⁹ Todas as traduções, quando não referenciadas na bibliografia por uma versão em português, são do próprio autor deste trabalho. No original: “*The mind of man is so constituted that it cannot remain content with the mere observations of facts but wishes to understand the inner reason of things*”.

²⁰ Para entender o conceito de intuição empregado por Sorel, é preciso analisar o trabalho de Henri Bergson. De acordo com esse filósofo, o tempo não estaria condicionado a divisões, ele seria uno e indivisível, o que é uma concepção oposta ao tempo físico que é passível de ser calculado e analisado. A consciência (formada por pensamentos, emoções e momentos) segue esse mesmo fluxo contínuo do tempo, logo ela também seria contínua. Essa forma de pensar ininterrupta foi chamada de duração. Seguindo essa linha de raciocínio, Bergson explica que o conhecimento lógico não estaria condicionado a esse tipo de continuidade, portanto para se ter uma experiência integral da realidade seria preciso utilizar a intuição, que atuaria no campo da irracionalidade.

esse termo para definir a forma como compreendemos os mitos, que seriam uma rejeição a razão, uma vez que quando apresentados são encarados como verdades universais (MIGUEL, 2000).

Por aceitá-los e compreendê-los de forma irracional, o sujeito não perceberia as construções ideológicas que envolve os mitos, por isso aqueles que vivem em uma realidade mitológica estariam seguros de terem essa visão de mundo contrariada. Em consequência disso não poderiam ser desencorajados de agir em prol de uma causa, o que leva ao caráter mobilizador e revolucionário que os mitos, de acordo com Sorel, possuem. O autor em sua carta para Daniel Halévy define que o mito não pode ser considerado como uma simples descrição das coisas, mas deve ser entendido como a “expressão da determinação de agir” (SOREL, 1999, p. 28)²¹. Essa definição está ligada à sua capacidade de evocar o sentimento das massas e organizá-los para uma ação conjunta, para o filósofo, o mito seria a “principal força motriz na luta política” (MIGUEL, 2004, p. 385). Ele usa como exemplo o movimento operário, ele demonstra que a greve geral defendida pelo Marxismo serve para ilustrar de forma intuitiva a essência do socialismo, uma vez que permite “entender a atividade, os sentimentos e as ideias das massas, da mesma forma, que a sua preparação para entrarem na luta decisiva” (SOREL, 1999, p.28).²²

De certo, nenhuma pessoa seria levada ao agir se não acreditasse que tem controle sobre o resultado de suas ações, entretanto Sorel mostra que essa crença é fruto de uma impossibilidade da compreensão do processo histórico. Ao mostrar o mito como uma verdade, que dispensa o uso da razão para seu entendimento e tendo como base o imaginário coletivo já estabelecido, ele se torna irrefutável e invulnerável a argumentos opostos. E como Miguel lembra “o emissor do discurso mítico tanto pode compartilhar desta crença quanto apenas tirar proveito dela” (2004, p. 386).

Em toda a obra de Sorel, é possível observar que a concepção de mito está ligado ao proletariado, porém como recorda Miguel:

Outros autores, que seguiram em linhas gerais o quadro conceitual de Sorel, tenderam a produzir dois deslocamentos importantes. Em primeiro lugar, o mito deixa de ser pensado no âmbito de uma revolução proletária, para se tornar um elemento presente

²¹ No original, “*expressions of a will to act*”.

²² No original, “*allow us to understand the activity, the sentiments and the ideas of the masses as they prepare themselves to enter on a decisive struggle*”.

em discursos de diferentes matizes e teores (...) O segundo deslocamento significativo em relação à teoria de Sorel é a redução do peso do mito político. (2000, p. 33)

Essa divergência teórica já pode ser observada em Barthes, que explora a noção do mito político como parte do discurso burguês.

2.3 BARTHES (1915 – 1980)

Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, filósofo e semiologista francês. Ao explorar ideias de vários campos, ele influenciou o desenvolvimento de várias escolas teóricas como o estruturalismo e a semiótica. Possuía licenciatura em literatura clássica, gramática e filologia pela Universidade de Sorbonne. De acordo com Jonathan Culler (2002), durante a juventude Barthes contraiu tuberculose, o que levou a ser internado algumas vezes. Durante uma de suas estadias em um sanatório, ele entrou em contato com os estudos de Marx e Sartre, que influenciaram em seu pensamento.

Entre os anos de 1947 e 1951, Barthes contribuiu para uma revista esquerdista parisiense, *Combat*, escrevendo diversos textos, que mais tarde comporiam seu primeiro livro, *O grau zero da escrita* (1953). Entre esses quatro anos, ele passou a integrar o Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS). Lá, Barthes teve a oportunidade de estudar sociologia e lexicologia. Durante o período em que fez parte da CNRS, ele produziu uma série de artigos, que foram publicados bimensalmente na revista *Les Lettres Nouvelles*, onde analisou os mitos da cultura popular.

Richard Brody, colunista do *The New Yorker*, explica que para entender o trabalho do filósofo francês, é preciso conhecer o contexto da França na década de 1950. Como ele expõe, o país “passava por um boom econômico, mudanças sociais, e uma crise política. O poder aquisitivo aumentava, e, com isso, o comércio e suas atividades relacionadas, como produção industrial e publicidade²³” (BRODY, 2012). Influenciados por essa nova cultura, os jovens cresciam com expectativa de uma vida cheia de lazer.

Ao mesmo tempo, a França via seu império desmoronar. Ela já havia perdido uma guerra de oito anos com o Vietnã e via crescer o movimento em prol da independência da Argélia. Os franceses tinham um apego muito grande ao império, independentemente de sua inclinação ideológica. Barthes, pelo contrário, era crítico ao imperialismo, e em um dos seus artigos ele

²³ No original, “*Purchasing power was increasing, and, with it, purchasing and its attendant activities, such as industrial production and advertising*”.

“denunciava como a retórica colonialista estava presente no jornalismo francês, disfarçada de objetividade²⁴” (BRODY, 2012).

Seus artigos, que mais tarde seriam compilados em seu livro *Mythologie* (1957[2001]), são um estudo da mídia de seu tempo, onde ele a relaciona com transformações sociais e culturais. Ao contrário de Sorel, que explorou a ideia de mitos e mitologias no socialismo como uma força mobilizadora, Barthes explora como a burguesia cria narrativas mitológicas para preservar sua hegemonia na sociedade. Ele conduz um estudo sobre os signos que a mídia produz e como eles agem sobre o imaginário social, de forma que eles colaboram para a manutenção do *status quo*.

2.3.1 Mitos para Barthes

Como dito anteriormente, antes de Barthes realizar uma conceituação do que seria o mito, ele publicou uma série de artigos onde interpretava a vida cotidiana na França a partir de como ela era representada na mídia. Seu objetivo era demonstrar como o mito é ressignificado na sociedade através da linguagem utilizada pelos meios de comunicação de massa²⁵, de forma que ele transformaria a História em Natureza, impedindo que as narrativas mitológicas pudessem ser questionadas.

Para isso, Barthes utiliza os conceitos de semiologia desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, que definiu signo como a união de significado (o conceito) e significante (a imagem acústica - ou, de forma mais genérica e posterior ao pensamento de Saussure - a dimensão material que “carrega” o significado). Porém, o autor francês entende que o mito produz um processo mais complexo, gerando uma *cadeia semiológica segundo*. Para Barthes:

O que seria signo (isto é, a totalidade associativa de um conceito e de uma imagem) no primeiro sistema, transforma-se em simples significante no segundo (...) no mito existem dois sistemas semiológicos, um deles deslocado em relação ao outro: um sistema linguístico, a língua (ou os modos de representação que lhe são assimilados), a que chamarei de *linguagem objeto*, porque é a linguagem de que o mito se serve para construir o seu próprio sistema; e o próprio mito, a que chamarei de *metalinguagem*, por que é uma segunda língua, *na qual* se fala da primeira. (BARTHES, 2001, p. 136-137)

²⁴ No original, “*exposes the colonialist rhetoric that is embedded in the popular press under the guise of journalistic objectivity*”.

²⁵ Barthes escreveu seus artigos sobre mitos durante a década de 1950, então nesse caso pode se entender meios de comunicação de massa pela sua definição clássica, que de acordo com o sociólogo espanhol, Manuel Castells (2003), seriam aqueles cuja uma mensagem similar era enviada ao mesmo tempo de alguns emissores centralizados para uma audiência de milhões de receptores, sendo que seu conteúdo e formato eram personalizados para o denominador mais comum.

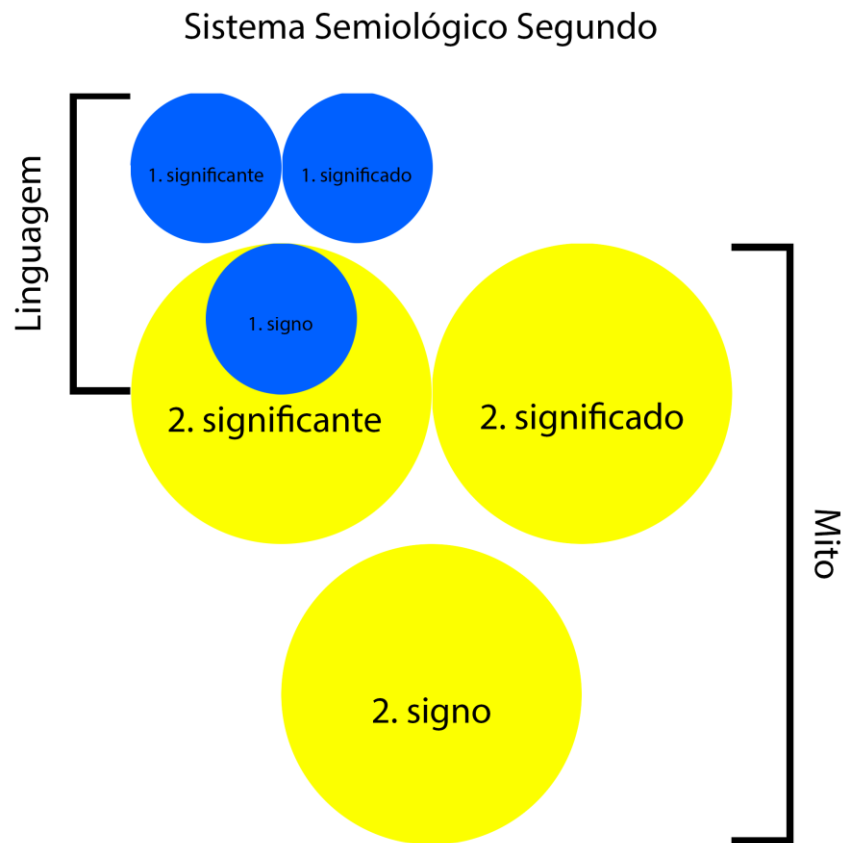


Figura 1 – Modelo do sistema semiológico sugerido por Barthes (2001). Fonte: Própria (2019)

O mito poderia ser lido de três formas distintas:

1. Ao focalizar o significante do mito como vazio, volta-se a um sistema simples, “onde a significação volta a ser literal” (BARTHES, 2001, p. 149). Essa seria leitura daquele que busca dar um novo significado ao signo do primeiro sistema.
2. Ao focalizar o significante do mito como pleno, é possível distingui-lo de seu significado, e, portanto, fica perceptível as deformações que um provoca no outro, o que levaria o leitor a desmascarar o mito.
3. Ao focalizar o significante do mito como “totalidade inextricável” (Ibidem), onde é impossível separá-lo de seu significado, o leitor absorve o mito e reage de acordo com a sua formulação, o assimilando como uma “história simultaneamente verdadeira e irreal” (Ibidem).

É a partir dessa terceira forma de leitura que as pessoas percebem e absorvem os mitos, pois se perdem em sua duplicidade. Barthes justifica que o leitor não perceberia o sistema semiológico e ao invés disso o entenderia como “um sistema indutivo: onde existe apenas uma equivalência, ele vê uma espécie de processo causal: o significante e significado mantêm, para ele, relações naturais” (BARTHES, 2001, p. 152).

Para explicar essa construção mitológica e o modo como o leitor interage com os mitos, Barthes utiliza como exemplo seguinte capa da revista *Paris Match*:



Figura 2 – Capa da edição *Paris Match* analisada por Barthes. Fonte: <https://blackpropaganda.files.wordpress.com/2010/09/paris-match.jpg>

Como Barthes descreve a foto na capa remete a imagem de “um jovem negro vestindo um uniforme francês fazendo a saudação militar, com os olhos erguidos, fixos sem dúvida numa prega da bandeira tricolor” (BARTHES, 2001, p. 138). Quando se analisa o significante do primeiro sistema, obtém-se a imagem de um soldado fazendo uma continência, não se tem nenhuma informação relevante sobre a história desse jovem retratado. Entretanto, a revista atribuiu um novo significado à foto ao combinar o militarismo, o nacionalismo francês e a

diferença étnica do jovem. Ela expressa a ideia de “‘harmonia’ vigente no seio do império francês, uma vez que o jovem africano não só está integrado ao exército nacional como venera a bandeira que, afinal, é de todos” (MIGUEL, 2000, p. 26). Essa aglutinação de significante e significados perpetua o mito de devoção ao império francês, deformando o imperialismo de forma que a tensão causada por esse movimento histórico seja substituída pela noção de parceria e conformidade.

De acordo com Barthes, o processo de construção do mito tem como objeto despolitizar o objeto ao eliminar sua história. No caso do soldado, ele perde sua identidade e a sua história, que está intimamente ligada ao colonialismo na África, e se torna parte de um processo de naturalização de uma intenção histórica. Ao fazer isso, o mito aboliria a complexidade dos atos humanos, criando um mundo sem contradições, “porque sem profundidade, um mundo plano se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias” (BARTHES, 2001, p. 164).

A resignificação dos símbolos pelo mito não é feita de forma aleatória ou arbitrária, pelo contrário, há uma motivação por trás de toda a construção mitológica, que tende a ser a criação e perpetuação de uma ideologia. Em sua obra, Barthes defende que os mitos são amplamente utilizados pela burguesia a fim de se manterem como classe dominante. Ele explica que ao naturalizar a história, as pessoas se tornam mais passíveis de aceitar o *status quo*, uma vez que o veriam como algo natural, imutável.

Ao contrário de Sorel que acreditava que o mito possuía como função mobilizar as massas, Barthes mostra o oposto. Isso não significa que um está errado e o outro certo. Suas pesquisas têm objetos distintos de pesquisa, mas que não anulam a conclusão do outro, pelo contrário, elas se complementam ao mostrar que o mito pode ser usado tanto para instigar as massas a agir como para garantir a passividade da sociedade. É importante ressaltar que ambos concordam que o mito é uma construção ideológica, que é apresentado ao público de forma que esse é convencido de que o fato é irrefutável.

Enquanto Sorel buscou dar as bases para a conceituação do mito político e Barthes demonstrar a forma como eles são construídos pela mídia, o próximo teórico, Raoul Girardet, se baseou nos estudos de seus antecessores para mapear “elementos míticos recorrentes, utilizados por movimentos políticos de diferentes orientações, em diferentes momentos históricos” (MIGUEL, 2004, p. 391).

2.4 GIRARDET (1917 – 2013)

Professor da Universidade de Paris, Raoul Girardet foi um renomado historiador francês²⁶. Na juventude, Girardet se associou à *Action Française*, escola do pensamento e movimento político que defendia o nacionalismo e a monarquia. Um dos principais pensadores dessa corrente foi Charles Maurras, que influenciou durante muito tempo o historiador francês. Maurras havia sido um dos primeiros a delinear as bases da ideologia fascista, em seus escritos ele se demonstrava a favor do antissemitismo e anti protestantismo, pois afirmava que A Reforma Protestante, o Iluminismo e a Revolução Francesa haviam colocado o indivíduo à frente da nação, gerando efeitos negativos para essa última. Entretanto, com a assinatura do armistício e a ocupação da França, Girardet abdicou do maurrassismo, uma vez que percebe a periculosidade delas, uma vez que elas haviam se concretizado no nazismo. Mesmo assim, sempre demonstrou ser um nacionalista convicto.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, ele retorna aos estudos, dedicando o resto de sua carreira à universidade, onde ele se especializou em sociedades militares, colonialismo e o nacionalismo francês, uma vez que vivenciou um período marcado por esses três elementos. Suas análises sobre a história do século XX, principalmente dos regimes fascistas italiano e nazista, contribuíram para a formulação do seu livro “*Mitos e Mitologias políticas*”, onde as usa como exemplo para demonstrar a forma como as estruturas narrativas mitológicas se reconfiguram ao longo do tempo.

2.4.1 A mitologia política proposta por Girardet

Seguindo uma linha de raciocínio parecido com a de Barthes (é válido lembrar que ambos foram contemporâneos, porém não se sabe se o trabalho de um influenciou o outro), Girardet afirma que o mito político é:

fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, a narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para compreensão do presente, construindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. (GIRARDET, 1987, p. 13)

²⁶ As informações bibliográficas sobre Raoul Girardet foram extraídas de uma entrevista que concedeu ao jornal português *Público* em 2001 (disponível em: <https://www.publico.pt/2001/08/06/jornal/raoul-girardet-160563>) e de um artigo publicado pelo jornal francês *Le Monde* (disponível em: https://www.lemonde.fr/disparitions/article/2013/09/22/raoul-girardet-historien-du-sentiment-national_3482439_3382.html).

Ele não descarta o papel mobilizador que Sorel atribui ao mito, porém afirma que esse seria uma consequência do caráter explicativo que a narrativa mitológica possui. Ele concorda com seus predecessores ao afirmar que os mitos políticos fazem parte do discurso ideológico, porém diverge deles ao dizer que é impossível estudar as narrativas mitológicas sem entender “sua conjunção e em sua unidade” (GIRARDET, 1987, p. 14), uma vez que não é possível compreendê-las separadamente.

Os mitos políticos possuem um sistema particular de discurso, que se assemelha ao dos grandes mitos sagrados, por apresentarem uma fluidez que permite que um se relacione ou interfira em outro; são polimorfos já que “um mesmo mito é suscetível de oferecer múltiplas ressonâncias” (GIRARDET, 1987, p. 15); e ambivalente porque as suas significações podem ser complementares, mas também opostas. Dessa forma o mito tem a capacidade de explorar os mais diversos temas através de distintos pontos de vistas, o que garante que tanto a “direita” quanto a “esquerda” - como polos opostos dentro do espectro político ideológico - criem suas próprias mitologias.

De acordo com Girardet, a essência do mito político estaria localizada no imaginário coletivo, que ao contrário do que se crê, não é baseada em racionalizações programáticas e ideológicas, mas sim em um universo mitológico religioso e universal. Ele seria composto por elementos que permitem ser repetidos e associados, porém ele alerta que “os mecanismos combinatórios da imaginação coletiva parecem não ter à sua disposição senão um número relativamente limitado de fórmulas” (Ibidem, p. 17). Isso permitiu o historiador mapear quatro estruturas mitológicas principais e que foram reconfiguradas de acordo com as necessidades de diferentes movimentos políticos. São os temas da *conspiração*, do *salvador*, da *idade de ouro* e da *unidade*.

No capítulo 4, essas quatro constelações mitológicas são ilustradas a partir da aproximação delas à campanha eleitoral de Bolsonaro. Utiliza-se também os conceitos desenvolvidos por Barthes e Sorel, pois eles contribuem para um melhor entendimento sobre o funcionamento da mitologia criada em torno do parlamentar. Entretanto, é preciso antes realizar um levantamento bibliográfico sobre a carreira de Bolsonaro, pois como mostra o trabalho de Priscilla Cabral Dibai (2018) muitas das pautas abordadas durante a sua campanha são recorrentes.

3. 64 ANOS DE BOLSONARO²⁷

Bolsonaro nasceu em 1955 em Glicério, município do noroeste do estado de São Paulo, porém passou boa parte de sua juventude em Eldorado, no Vale do Ribeira. Durante entrevista concedida ao programa Brasil em Discussão²⁸ em 2012, Bolsonaro afirmou que seu primeiro contato com o Exército foi em 1970, quando tinha 15 anos de idade. Nesse episódio, os militares procuravam o ex-capitão Carlos Lamarca que havia desertado o Exército e organizado um acampamento no Vale do Ribeira onde treinava guerrilheiros contra a ditadura militar. De forma voluntária, ele teria oferecido informações sobre a região para que os oficiais do exército pudessem cumprir sua missão. Ao ver a atuação dos militares, Bolsonaro começou a desenvolver um interesse pelas forças armadas.

Ao completar 18 anos, seguiu carreira militar. Estudou na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde se formou. Em 1982, iniciou seus estudos na Escola de Educação Física do Exército. Depois permaneceu como capitão no 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista até 1986. Foi a partir desse período que seus atos indisciplinados contra as forças armadas começaram a ter destaque na mídia.

O primeiro caso foi ainda em 1986, durante o governo José Sarney. Nessa época, havia um descontentamento entre os militares em relação aos seus salários, a categoria realizou algumas manifestações pedindo um aumento, é nesse contexto que Bolsonaro escreveu um artigo assinado para a Veja com o título “O salário está baixo”²⁹. O texto era uma resposta a uma matéria divulgada anteriormente na mídia, onde era relatado que o desligamento de cerca de oitenta cadetes da AMAN era devido a práticas homossexuais entre oficiais, uso de drogas ou suposta falta de suposta falta de vocação para a carreira militar.

A realidade, de acordo com o capitão, era outra. Os cadetes haviam pedido desligamento, pois perceberam que o salário de um militar era baixo demais e por isso teriam

²⁷ Parte das informações sobre Bolsonaro foram retiradas de seu perfil bibliográfico disponibilizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonar>), mas como o documento só contém dados até o ano de 2009, utilizou-se do trabalho de Dibai e de reportagens de jornais e revistas para completar esse tópico

²⁸ PRECONCEITUOSO COM ORGULHO. Brasil em Discussão. São Paulo: Record. 13 de mai. 2012. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj7Hlyf3I6A>

²⁹ BOLSONARO, Jair Disponível. O Salário está baixo. Veja, São Paulo, 3 de set. 1986, p. 154. Ponto de vista. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/pdf/recortes/R03088.pdf>

ficado descontentes e sem perspectiva de seguir carreira militar. Por causa desse artigo o capitão foi preso por 15 dias, acusado de infringir o regulamento disciplinar do Exército. Sua detenção lhe garantiu notoriedade e apoio de oficiais e suas famílias por todo o Brasil.

O segundo caso é o mais notório. Em 27/10/1987 a Revista Veja publicou a reportagem “Pôr bombas nos quartéis, um plano na Esao (Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais)³⁰”. De acordo com a matéria, Bolsonaro e o capitão Fábio Passos da Silva planejavam implantar de bombas de baixa potência na Esao e outras unidades do Exército caso o reajuste salarial anunciado pelo governo fosse abaixo dos 60%. A revelação desse plano gerou reações imediatas entre os militares, obrigando os dois capitães a depor. Ambos negaram seu envolvimento ou a existência do plano.

Uma semana depois, a Veja publicou uma nova matéria³¹ que continha desta vez esquemas desenhados pelo próprio Bolsonaro, a fim de comprovar as informações divulgadas anteriormente. Após o ministro do Exército ter conhecimento da existência de tais provas, os dois capitães foram indiciados e o comando do Exército pediu expulsão de ambos. Entretanto, o Supremo Tribunal Militar absolveu os dois por considerar que não havia provas suficientes para haver uma comparação caligráfica para comprovar a autoria dos desenhos. Após esse episódio, Bolsonaro foi remanejado para a reserva.

3.1 CARREIRA POLÍTICA

Em 1988, Bolsonaro concorreu às eleições estaduais como vereador do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Sua vitória pode ser considerada como consequência direta da repercussão dos casos que protagonizou nos anos anteriores. Por ter defendido o reajuste salarial dos militares através de atos considerados insubordinatórios, ele ganhou apoio de parte da categoria que passou a considerá-lo corajoso.

Em 1990 se elegeu como Deputado Federal do Rio de Janeiro novamente pelo PDC. Foi um dos 441 deputados a favor do *impeachment* de Collor e durante seu voto afirmou que era

³⁰ REVISTA VEJA, 27 de out. 87, p. 40-41. Pôr bombas nos quartéis, um plano na Esao. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/?veja#/edition/33547?page=40§ion=1>

³¹ REVISTA VEJA, 4 de nov. 87, p. 56-57. Do próprio punho. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/1000?page=56§ion=1>

representante dos militares³². Em 1993, ele foi o centro de uma polêmica após declarar que era favorável ao fechamento do Congresso, pois ao seu ver o excesso de leis era prejudicial ao exercício do poder.

Se reelege em 1994 e 1998, tendo se envolvido em algumas controvérsias ao longo desses dois mandatos. Em 1999, surge a primeira denúncia de nepotismo de sua carreira, ao empregar em seu gabinete parentes de sua companheira da época, Ana Cristina Vale. Nesse mesmo ano, em uma entrevista a TV Bandeirantes, ele volta a defender o fechamento do Congresso e afirma que “o voto não vai mudar nada no Brasil” e “só vai mudar infelizmente quando partirmos para uma guerra civil, fazendo um trabalho que o regime militar não fez. Matando uns 30 mil, começando com FHC”³³.

Em 2002 foi eleito mais uma vez para o cargo de deputado federal do Rio de Janeiro pelo PPB, porém pouco tempo depois ele mudou de partido e se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 2003, ocorreu uma das principais polêmicas pela qual é conhecido. Durante uma filmagem da Rede TV na Câmara do Congresso, ele e a deputada Maria do Rosário são flagrados em uma discussão. Bolsonaro a xinga de “vagabunda”, afirma que “jamais eu estupraria você, porque você não merece” e faz gestos de que iria agredi-la³⁴. Essa seria a primeira de muitas desavenças entre os dois.

Em 2004, ele reviveu a pauta do reajuste salarial dos militares, chegando a pressionar o governo Lula. No início de 2005 deixa o PTB e se filia ao Partido da Frente Liberal (PFL), porém sua passagem pelo partido é curta e no mesmo ano volta ao PPB, que passou a se chamar Partido Progressista (PP). Durante aquele ano, ele se posicionou de forma crítica a campanha do desarmamento, uma das suas ações foi confeccionar cartazes com a seguinte frase: “Entregue suas armas: os vagabundos agradecem”.

Durante 2006, quando o governo Lula propôs cotas raciais nas universidades, Bolsonaro se posicionou contra e ironizou a proposta, apresentando um projeto de cotas para deputados negros e pardos. Na ocasião ele deixou claro que se caso a proposição de sua autoria fosse

³² JARDIM, Lauro. Em 1992, Bolsonaro era muito mais comportado. O GLOBO/Blog de Lauro Jardim, 24 de abr. 2016. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/em-1992-bolsonaro-era-muito-mais-comportado.html>.

³³ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DN32xMp9zr8>

³⁴ Reportagem sobre a discussão entre os dois parlamentares disponível em: <https://videos.bol.uol.com.br/video/exclusivo-veja-discussao-entre-bolsonaro-e-maria-do-rosario-em-2003-04020C983372C0995326>

levada a sério, ele votaria contra. Em outubro é reeleito para seu quinto mandato. Em 2009, cartazes que ele produziu durante 2005 como protesto a fala do ministro José Dirceu sobre buscas de restos mortais de militantes da guerrilha do Araguaia são repercutidos pela mídia, em um deles estava escrito: “Desaparecidos do Araguaia, quem procura osso é cachorro³⁵”.

Em 2010 ele foi eleito mais uma vez. No ano seguinte participou do programa humorístico CQC³⁶, na ocasião ele deveria responder perguntas de alguns convidados, Preta Gil era um deles e questionou o deputado sobre a opinião do político caso um de seus filhos se relacionasse com uma negra. Sua resposta foi: “eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”. O político foi julgado pela Justiça do Rio de Janeiro e considerado culpado de “racismo explícito”.

Em 2014 foi eleito para seu sétimo mandato consecutivo. Naquela eleição ele foi o deputado mais bem votado do Rio de Janeiro, isso é consequência direta da ascensão em sua popularidade a partir de 2012. Dibai considera que devido a repercussão na mídia das diversas polêmicas a qual se envolveu ao longo dos anos, Bolsonaro conseguiu expandir seu eleitorado para além do nicho militar. A pesquisadora usa como exemplo o episódio do “kit gay”:

Um episódio que parece ter contribuído bastante para sua ascensão foi o chamado “kit gay”, forma como Bolsonaro apelidou, pejorativamente, os materiais educativos do programa ‘Brasil sem Homofobia’, do Ministério da Educação, que visava formar educadores para tratar das questões de gênero e da sexualidade em sala de aula. Desde 2011, ele vem atacando essa iniciativa, por supostamente ameaçar e afrontar a família brasileira, bem como pelo ‘perigo’ de converter crianças em LGBTs. (DIBAI, 2018, p.87)

Naquele mesmo ano ele se envolveu novamente em uma discussão com a deputada Maria da Rosário. Na ocasião voltou a repetir que “não a estuprava, porque ela não merecia”, o que gerou vários protestos da sociedade e colegas parlamentares contra ele. A Procuradoria Geral da República o processou por apologia ao estupro e ele foi considerado culpado. No ano seguinte, 2015, Bolsonaro conseguiu aprovar pela primeira vez um projeto de sua autoria, que torna obrigatório à impressão do voto após o uso da urna eletrônica.

³⁵O VERMELHO, 27 de mai. 2009. Em 2009, deputados do PCdoB fotografaram o cartaz no gabinete do deputado e entraram com representação no Conselho de ética. Disponível em : <http://www.vermelho.org.br/noticia/53413-1>.

³⁶ Participação de Jair Bolsonaro no programa CQC, durante o quadro “O Povo quer saber”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9T5ZSAO1MVg>

2016 é marcado pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Durante a votação homenageou o coronel Carlos Brilhante Ustra, considerado como torturador durante a ditadura, e que inclusive foi o algoz da até então presidente quando ela foi mantida presa no DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna). “Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, o meu voto é sim³⁷”. Devido a essa fala, a OAB-RJ (Ordem dos Advogados do Brasil) pediu a cassação do mandato do deputado.

O ano de 2017 é marcado por três polêmicas em sua carreira. A primeira é sua declaração em visita a Campina Grande (PB), onde defendeu o fim do Estado laico ao proferir a seguinte fala: “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de estado laico não. O estado é cristão e a minoria que for contra que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias³⁸”. O segundo foi devido a denúncia que seu irmão Renato Antônio Bolsonaro seria um funcionário fantasma na Assembleia Legislativa de São Paulo. De acordo com registros, ele estaria empregado há três anos e receberia um salário mensal de R\$17 mil. Quando questionado sobre isso, Bolsonaro atacou o irmão e comentou que se seu parente realmente cometeu um crime, ele deveria ser julgado³⁹.

A terceira polêmica ocorreu devido a uma gravação de uma palestra que realizou no Clube Hebraico de São Paulo. Na ocasião, ele fez ataques a quilombolas e indígenas. A mais repercutida foi uma piada de cunho racista onde dizia que havia ido em um quilombo e que “O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais⁴⁰”. Devido a tais declarações, o deputado foi condenado a pagar o valor de R\$ 50 mil por danos morais coletivos a comunidades quilombolas e à população negra em geral.

³⁷ Fala de Bolsonaro durante seu voto no Impeachment de Dilma Rousseff. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SroqvAT71o0>

³⁸ PARAÍBA ONLINE, 8 de fev./2017. Bolsonaro discursa em Campina: “A maioria tem que se curvar para a maioria”. Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/>

³⁹ EXAME, 24 de set. 2018. Funcionário Fantasma, irmão de Jair Bolsonaro é exonerado. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/funcionario-fantasma-irmao-de-jair-bolsonaro-e-exonerado/>

⁴⁰ VEJA, 6 de mar. 2017. Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na hebraica. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>

3.2 CAMPANHA ELEITORAL 2018

Desde 2014, Bolsonaro demonstrava interesse em concorrer a outros cargos políticos como, por exemplo, o de Senador. Com o crescimento de sua popularidade passou a almejar a presidência da República, porém para poder concorrer se viu obrigado a mudar de partido no início de 2018, filiando-se ao Partido Social Liberal (PSL). Ele anunciou oficialmente sua candidatura em julho, formando com o general Hamilton Mourão (PRTB) a coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que tinha meros oito segundos no horário eleitoral gratuito do primeiro turno⁴¹. Devido ao tempo reduzido de propaganda na TV e rádio, Bolsonaro optou por uma campanha majoritariamente digital, através de divulgação de informações em milhares de grupos de *WhatsApp*⁴².

No primeiro turno das eleições, Bolsonaro chegou a participar de dois debates, o da Rede Bandeirantes e uma da Rede TV. Concedeu também entrevista ao Jornal Nacional da Rede Globo. Sua campanha parecia correr normalmente até que no dia seis de setembro enquanto fazia campanha na cidade de Juiz de Fora (MG), ele foi esfaqueado por Adélio Bispo de Oliveira⁴³. Levado em estado grave para a Santa Casa de Juiz de fora, relatou-se que o candidato havia perdido até 45% de sangue e havia sofrido lesões no intestino grosso e delgado. Algum tempo depois transferiram ele para o hospital Albert Einstein em São Paulo (SP). Três dias depois o hospital informou que ele estava em estágio de recuperação e que não corria mais risco de vida. Devido a esse atentado, Bolsonaro não pôde participar dos debates, a saída encontrada foi restringir a aparição do candidato a *lives* e a publicação de vídeos gravados no hospital em suas redes sociais.

No dia 29 de setembro recebeu alta da UTI e foi para a unidade semi-intensiva, porém no mesmo dia ocorreram manifestações contra ele por todo o Brasil. Chamado de *#EleNão*⁴⁴, o

⁴¹ Em 2018 o TSE definiu que o tempo de cada candidato no horário eleitoral seria proporcional ao tamanho das bancadas na Câmara dos partidos que formam a coligação de cada candidato. Por exemplo: Geraldo Alckmin possuía cinco minutos e meio de propaganda, porque sua coligação era formada por nove partidos considerados grandes, enquanto Bolsonaro só oito segundos, uma vez que a sua era formada somente pelo PSL e PRTB.

⁴² O *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de envio de mensagens instantâneas e chamadas de voz, mas também de compartilhamento de imagens e vídeos, além de documentos PDF. Propriedade da empresa Facebook.

⁴³ Adélio Bispo de Oliveira é o autor da facada de Bolsonaro. Ele foi preso em flagrante e durante interrogatório, descobriu-se que ele teria cometido o crime porque havia recebido uma “ordem de Deus”. As investigações mostraram que ele havia estado no mesmo clube de tiro que os filhos de Bolsonaro dois meses antes do atentado, o que gerou suspeitas por parte da oposição de que o crime poderia ter sido forjado, porém nada disso foi comprovado. Concluiu-se que ele agiu sozinho. Também se reconheceu que Adélio Bispo possui problemas mentais por isso é inimputável, consequentemente, o juiz o sentenciou a internação por tempo indeterminado.

⁴⁴ *Hashtag* utilizada pelos opositores de Bolsonaro nas redes sociais, principalmente no twitter, onde ela alcançou os *trending topics* mundiais.

movimento contrário ao candidato foi organizado por milhares de mulheres nas redes sociais que desaprovavam as suas declarações machistas. Os protestos aconteceram simultaneamente em 160 cidades do país, e algumas capitais de outros países. Eles foram considerados as maiores manifestações durante as eleições de 2018. Em contrapartida, os apoiadores de Bolsonaro organizaram para o dia seguinte, 30 de setembro, o #EleSim, manifestações em prol do candidato de extrema-direita, mas elas só ocorreram em nove capitais do país.

No dia sete de outubro ocorreu o primeiro turno. O candidato do PSL obteve 46% dos votos válidos, enquanto o segundo colocado, Fernando Haddad (PT), só obteve 29%. Como nenhum dos dois obteve mais de 50%, a eleição presidencial seria decidida no segundo turno, que ocorreria no final de outubro. Como ainda estava em estágio de recuperação, Bolsonaro não participou de nenhum debate contra o candidato petista na primeira semana após o primeiro turno. Posteriormente, ele passou por uma nova avaliação médica e de acordo com o seu médico, ficaria a cargo do capitão da reserva decidir participar ou não dos debates⁴⁵. Ele optou em não ir a nenhum, ao invés disso se limitou a entrevistas exclusivas para alguns canais de televisão e *lives* em suas redes sociais.

A campanha de Bolsonaro foi alvo de duas polêmicas. A primeira ocorreu no dia 28 de setembro, quando a revista *Época*⁴⁶ publicou matéria onde afirmava que o candidato teria contratado uma empresa fantasma para a elaboração de seu material publicitário. A outra ocorreu há dez dias do segundo turno, quando a Folha de São Paulo publicou uma denúncia contra a campanha de Bolsonaro⁴⁷. Como foi reportado pelo jornal, empresários, entre eles o dono das lojas Havan, Luciano Hang⁴⁸, teriam contratado serviços de envio em massa de

⁴⁵FERNANDES, Talita. Após avaliação, médico diz que ida a debate depende de Bolsonaro. FOLHA DE SÃO PAULO, Rio de Janeiro, 18 de out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/apos-avaliacao-medico-diz-que-ida-a-debate-depende-de-bolsonaro.shtml>

⁴⁶ De acordo com a matéria da revista *Época*, A Mosqueteiros Filmes Ltda seria a responsável pela produção de vídeos da campanha, tanto para a TV como para as redes sociais. De acordo com a matéria, quando se checou o endereço dessa produtora, descobriu-se que havia uma casa vazia com uma placa de vende-se. Os donos do imóvel informaram que a empresa havia alugado há anos a casa, porém tinham se mudado já fazia muito tempo. Conforme foi informado ao TSE, teriam sido destinados R\$ 240 mil para essa produtora, cerca de 20% total dos gastos da campanha de Bolsonaro. Mais informações disponíveis em: <https://epoca.globo.com/produtora-de-video-que-so-existe-no-papel-recebeu-240-mil-da-campanha-de-bolsonaro-23107926>

⁴⁷ Como a Folha de São Paulo reportou, o conteúdo das mensagens enviadas em massa através do *WhatsApp* seriam *fakenews* contra o PT, o principal partido opositor do PSL. Devido a essa manchete, Fernando Haddad e outros candidatos a presidência protocolaram pedidos de cassação da chapa de Bolsonaro e Mourão, alegando que esses haviam infringindo as leis eleitorais. Mais informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>

⁴⁸ Luciano Hang é o dono das lojas Havan, empresa varejista brasileira. Ele se envolveu em outra polêmica durante a campanha eleitoral de 2018, por causa de um vídeo que surgiu na internet onde coage seus funcionários a votarem em Bolsonaro caso quisessem manter seus empregos. Ele foi julgado pelo TSE e condenado por abuso de poder.

mensagens no *WhatsApp*. Os contratos chegariam até R\$12 milhões de reais e teriam sido feitas de forma ilegal, pois não haviam sido declaradas no TSE, o que infringiria a lei eleitoral, pois isso se configuraria como caixa 2, doação de pessoa jurídica e de compra de cadastro de usuário⁴⁹.

No dia 28 de outubro ocorreu o segundo turno das eleições. Com 29 anos de carreira política, um mandado de vereador, sete consecutivos como deputado federal, tendo integrado ao longo desses anos 9 partidos e aprovado somente 2 projetos de lei, Jair Messias Bolsonaro é eleito 38º presidente da República, com 55,13% dos votos válidos.

Como punição ele foi obrigado a divulgar vídeos afirmando que seus funcionários possuem liberdade de votar em quem quiserem.

⁴⁹ Até a conclusão deste trabalho, as acusações de irregularidades na campanha presidencial de Bolsonaro (a de contratar empresa fantasma, caixa 2, entre outros) ainda estão sendo investigadas pelo TSE.

4. OS MITOS POLÍTICOS E O BOLSONARISMO

Após realizar o levantamento bibliográfico do objeto de estudo, é possível agora avaliar como os mitos políticos descritos por Girardet (a conspiração, salvador, idade de ouro e a unidade) ecoam na campanha eleitoral de 2018 de Bolsonaro. O uso da teoria do historiador francês se prova mais eficaz nesse caso, pois Sorel e Barthes analisam os mitos de forma isolada, não estabelecendo uma conexão entre eles. Já Girardet demonstra a existência de uma ligação entre eles e que é importante de ser compreendida. Entanto, isso não significa que os achados desses dois pensadores serão descartados, pois o caráter mobilizador e despolutizante dessas narrativas estão também presentes na mitologia girardiana. Como também afirmado anteriormente, o mito político faz parte da formulação de ideologias, por isso é possível de se dizer que é inevitável que sejam analisados elementos do bolsonarismo, ideologia política pró-Bolsonaro. Isso ocorre porque a campanha eleitoral do capitão da reserva é uma expressão desse sistema de ideias.

Inicia-se esta parte, primeiramente identificando o mito da Conspiração, pois esse tende a ser uma das primeiras manifestações mitológicas a surgir nas propagandas políticas e ideológicas. Em seguida pode-se avaliar quem é o salvador. Após isso, os próximos passos são verificar como as noções de idade de ouro e unidade estão presentes na campanha eleitoral. Novamente, faz-se necessário ressaltar que o foco desse trabalho é a conceituação de mitos e mitologias políticas, por isso os objetos midiáticos utilizados nesta parte servem somente para ilustrar algumas formas de expressão de narrativas mitológicas. Caso o objeto de estudo fosse outro candidato à presidência, é provável que as mesmas constelações míticas fossem identificadas, porém com outros personagens.

Uma vez delineados os caminhos a seguir para que os objetivos propostos sejam alcançados, deve-se entender que a campanha eleitoral bolsonarista foi feita a partir do uso intensivo de recursos digitais, o que proporcionou um suposto contato direto entre o candidato e os seus eleitores. Além disso, como foi reportado anteriormente, o uso de grupos de *WhatsApp* e o compartilhamento de propaganda eleitoral neles foram outras estratégias adotadas pelo pessalista. Entretanto dentro dos limites e do escopo deste trabalho de conclusão de curso, não se encontrou dados concretos que confirmem a efetividade desses métodos, os seus efeitos sobre a opinião pública são apenas especulativos.

4.1 A CONSPIRAÇÃO COMUNISTA

A criação de um inimigo é necessária para qualquer ideologia. Seus propagadores buscam relacionar os membros da conspiração a figuras animais e demoníacas, com o intuito de causar repulsa e medo. A divisão da sociedade entre “bem” e “mal” contribui para delimitar aqueles que são os aceitos pela sociedade e os que seriam os indesejáveis.

A prática de construir e perseguir inimigos aponta para uma vontade de exclusão/controlar, que pode ser mais ou menos radical. Nesse sentido, a lógica sustentada é a de que somente controlando e ordenando os grupos malfeitores, a nação funcionaria da maneira desejada. (DIBAI, 2018, p. 99)

No caso do bolsonarismo, isso não é exceção. Seus ataques verbais à esquerda já perduram há anos, porém é passível de se observar que tais tipos de declaração endureceram e se tornaram mais frequentes com o aprofundamento da crise política atual. Há exemplos claros disso, um deles ocorreu no dia 22 de outubro de 2018. Durante uma transmissão ao vivo direcionada aos que participavam de manifestações ao seu favor, o candidato disse que “esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria⁵⁰”. Ele também afirmou que faria uma “faxina” no Brasil, e caso os seus opositores quisessem permanecer no país, eles deveriam obedecer a suas ordens ou iriam ser presos.

É preciso entender quem seriam os “vermelhos”. A princípio, é possível afirmar que ele se refere aos membros do PT e seus simpatizantes, os “esquerdistas”. Porém essa definição engloba um grupo muito maior de pessoas. Boa parte das minorias, principalmente negros e a comunidade LGBT, são enquadrados nessa classificação de acordo com o bolsonarismo. Essa taxação é fruto da mudança de temas abordados no discurso de Bolsonaro com o passar do tempo. No início de sua carreira, ele defendeu sempre pautas militares, exaltando as Forças Armadas e a ideia de que essa classe seria a responsável pela manutenção da ordem na pátria. Conforme ele se aproximou de outras bancadas, como por exemplo a evangélica, sua fala mudou também. Ele não deixou de defender os assuntos de interesse militar, porém é perceptível que houve um aumento em temas de questões morais.

O componente moral é tão modalizado na visão de mundo de Bolsonaro que aparece recorrentemente em seus discursos, a embasar os mais diferentes temas e a se misturar nos mais diversos apelos. Os valores são tidos como imprescindíveis, de maneira que a ameaça ao sistema moral significa diretamente a ameaça à nação. (DIBAI, 2018, p. 99)

⁵⁰VEJA, 22 de out. 2018. “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”, diz Bolsonaro. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro/>

Uma das principais questões que ele aborda no espectro da moralidade diz a respeito a sexualidade. O histórico do parlamentar é repleto de declarações homofóbicas, nas quais ele faz associações diretas entre a opção sexual do indivíduo e temas que considera ou podem ser considerados degradantes moralmente. O já mencionado o “kit gay” é um exemplo disso. Em 2016, Jair Bolsonaro lembrou o caso e em uma entrevista concedida à Rádio Estadão/ESPN⁵¹. Nela, ele apresentou o livro *Aparelho sexual e cia.*, da autora e ilustradora francesa Hélène Bruller, e afirmou que o projeto “Brasil sem homofobia” seria uma porta de entrada para a pedofilia.

O “kit gay” não é o único alvo do capitão quando se trata da temática LGBT, projetos de lei que criminalizam a homofobia também já sofreram ataques dele, como ocorreu durante a tramitação da PL 122/06 no Senado. Em 2011, Bolsonaro concedeu uma entrevista para a revista *Época*⁵², na ocasião ele foi questionado sobre a opinião dele sobre a PL. Sua resposta foi:

A maioria dos homossexuais é assassinada por seus respectivos cafetões, em áreas de prostituição e de consumo de drogas, inclusive em horários em que o cidadão de bem já está dormindo. O PLC 122, na prática, criará uma categoria de vítimas privilegiadas, ou seja, com proteção especial em virtude de sua opção sexual. Assassinar um heterossexual é menos grave que matar um homossexual.

Todo esse pensamento de Bolsonaro pode ser resumido em uma frase proferida pelo próprio em uma entrevista para a Folha de São Paulo: “Você (minorias, principalmente a comunidade LGBT) estão desgastando os valores familiares. Daqui a pouco vai virar uma anarquia esse Brasil aí”. Essa construção mitológica de uma organização que é a raiz dos problemas sociais é de acordo com Durkheim (como lembra Girardet) um reflexo da necessidade da sociedade em buscar um culpado para todos os seus males. “O Mal que se sofre, e mais ainda, talvez, aquele que se teme, acha-se doravante muito concretamente encarnado. Ganhou uma forma, um rosto, um nome” (GIRARDET, 1987, p. 55).

Contudo, afirmar que as minorias são o centro da conspiração identificada pelo bolsonarismo seria errôneo. Girardet descreve a estrutura dessas organizações de forma

⁵¹ RIBEIRO, Marcelle. Bolsonaro diz que MEC “abre as portas para pedofilia” e estimula homossexualismo. O Globo, São Paulo. 31 de mar. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-que-mec-abre-as-portas-para-pedofilia-estimula-homossexualismo-2802854>

⁵² O Projeto de Lei 122 de 2006 tinha como objetivo criminalizar a homofobia, porém após oito anos tramitando pelo Senado e sem conseguir ser aprovado, ele foi arquivado. Em 2011, Bolsonaro concedeu uma entrevista para a revista *Época*, na ocasião ele foi questionado sobre a opinião dele sobre a PL. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI245890-15223,00-JAIR+BOLSONARO+SOU+PRECONCEITUOSO+COM+MUITO+ORGULHO.html>

piramidal, onde cada escalão possui funções bem estabelecidas e conforme se avança na hierarquia do grupo, se adquire um conhecimento maior sobre as atividades do mesmo. No topo temos o líder, o responsável por tomar as decisões e elaborar os próximos passos a serem tomados.

Todos seus membros compartilham do mesmo desejo pela corrupção e degradação moral da sociedade, e trabalham juntos para alcançar o objetivo comum à todas conspirações: “a dominação do mundo, a ascendência sobre os príncipes e sobre os povos, o estabelecimento, em seu proveito, de um poder de dimensão mundial” (GIRARDET, 1987, p. 36). É importante ressaltar que embora eles demonstrem ter um plano de conquista global, o universo/mundo que eles almejam é a sociedade em que estão inseridos.

Na descrita neste capítulo, as minorias ocupam a base, enquanto o topo está reservado para aqueles que almejam não só o desvirtuamento da sociedade, mas também sua dominação, seja ela política ou econômica. Para o bolsonarismo, esse lugar é ocupado pelos comunistas, ou neste caso o PT. O antipetismo é componente fundamental nas falas de Bolsonaro, por isso é preciso entendê-lo.

4.1.1 O antipetismo

Desde de 2014, quando ocorreu as denúncias sobre a corrupção na Petrobrás, a percepção popular sobre esse tema mudou. Essa questão começou a ser vista como o maior problema do país, dado comprovado pela pesquisa Datafolha de 2015⁵³. Isso pode ser considerado reflexo direto das investigações da Operação Lava Jato, que tem como objetivo investigar esquemas de corrupção entre empresários e político na empresa petrolífera.

⁵³ Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/11/30/avaliacao_dilma.pdf

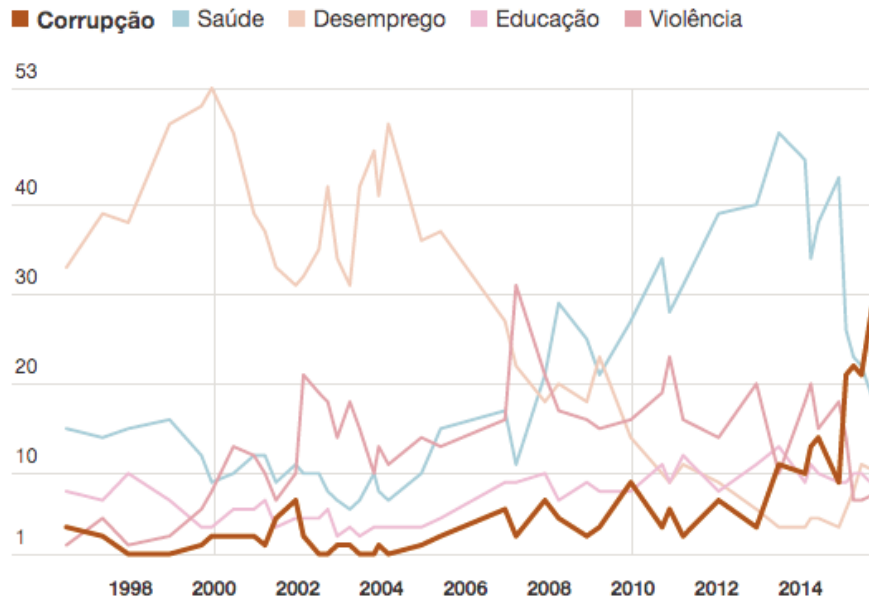


Figura 3 – Pesquisa Datafolha sobre principais problemas do país. Fonte: Datafolha.

Inspirado na Operação Mãos Limpas⁵⁴, o até então juiz Sérgio Moro, responsável pelos julgamentos da Lava Jato, e membros do MPF vazavam seletivamente informações para a imprensa sobre o desenrolar das investigações. Eles alegavam que ao compartilhar com a mídia esses dados, isso manteria o interesse da população alta e, conseqüentemente, evitaria que ela fosse impedida de continuar seus trabalhos. Ao mesmo tempo, isso contribuiu para que se criasse entre a população a noção de que o partido mais corrupto seria o PT. Uma prova disso foram as manifestações de 2016 contra o governo Dilma, que levaram milhares às ruas pedindo seu *impeachment*.

Naquela época o grupo de pesquisa Opinião Pública, Marketing Político e Comportamental da Universidade Federal de Minas Gerais produziu uma pesquisa sobre o perfil ideológico e as atitudes políticas dos manifestantes⁵⁵. A partir dos dados obtidos, o público da pesquisa (cerca de 67% dos entrevistados) reafirmou os resultados do Datafolha do ano anterior, que apontava que para a população a corrupção havia se tornado o principal

⁵⁴ A Operação Mãos Limpas foi realizada na década de 1990 na Itália, foi uma grande investigação sobre casos de corrupção no país. Os principais alvos eram políticos e industriais. Uma das principais características da operação foi o largo uso da imprensa. Os seus membros vazavam detalhes das prisões e das confissões para os jornais e revistas italianos, isso mantinha o interesse público elevado e colocava os investigados, como por exemplo líderes partidários, na defensiva.

⁵⁵ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B1_d2uNS-ZSvLURXdTdISTNLY3M/view

problema do país. Além disso, 90,6% apontaram que o PT fazia um grande mal ao Brasil e reconheciam como governos mais corruptos o de Lula e Dilma.

A mídia que reportava as informações liberadas pela operação policial também tivera papel fundamental para a criação da ideia de que um partido político seria o responsável pelo principal problema que aflige o Brasil, de acordo com sua população. Para explicar isso, pode-se utilizar os achados do trabalho realizado pelas professoras Ângela Carrato, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Eliara Santana, da PUC Minas/Capes, sobre como o Jornal Nacional (JN) atuou na construção de sentido acerca de notícias sobre corrupção (2018).

As duas pesquisadoras analisaram mais de 200 edições do JN, e concluíram que membros do PT sempre eram mencionados no quadro da corrupção, principalmente o ex-presidente Lula que teve exposição crescente e diária, a partir de seu julgamento na Lava Jato. Uma das associações simbólicas mais graves feitas é o plano de fundo utilizado toda vez que Lula e o PT são mencionados. Quando os apresentadores William Bonner ou Renata Vasconcellos noticiam algo sobre a corrupção no país, a imagem vermelha com duto de esgoto que despeja notas de dinheiro é mostrada, conseqüentemente, o telespectador passa associar de forma inconsciente a bandeira do PT a corrupção. Ao fazer isso, o JN reproduz a construção mitológica descrita por Barthes, pois elimina toda a história do Partido dos Trabalhadores, dando um novo significado a sua existência, e dessa forma ocorre a naturalização da ideia de que a corrupção e esse partido estão intimamente ligados.

Uma vez compreendidos o antipetismo e como os signos foram ressignificados pela mídia, fica claro que o bolsonarismo não é o responsável pelo ódio as esquerdas, pois essa construção foi feita ao longo de anos. O que Bolsonaro fez é algo já descrito por Girardet:

(...) nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos onde ali não existe, nos setores da opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. O que significa, entre outras coisas, que em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida, deve para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário. Aqueles mesmos que quisessem jogar com o imaginário se veriam obrigados, assim, a submeter-se às suas exigências. O mito existe independente de seus usuários eventuais; impõe-se a eles bem mais do que eles contribuem para sua elaboração. (GIRARDET, 1987, p. 51)

Portanto o bolsonarismo incorporou o antipetismo. Os eleitores encontraram na figura de Bolsonaro um porta-voz para suas insatisfações e, conseqüentemente, o discurso do pesselista contra o PT e todos aqueles que se opõem aos ideais bolsonaristas (minorias, e outros

grupos da sociedade como jornalistas e advogados) se endureceu porque encontrou terreno fértil para se proliferar entre algumas camadas da sociedade. É evidente que essa narrativa não é condizente com a verdade, porém ela se torna real para aqueles que têm esse tipo de fabulações já existentes em seu imaginário político e também faz parte da ideia do “bode expiatório, um fenômeno presente há milênios nas sociedades humanas” (MIGUEL, 2004, p. 394).

4.1.2 Como a população enfrenta a conspiração

Seus apoiadores tendem a reproduzir de formas diversas essas narrativas. Isso pode ser observado a partir de dois atos distintos. O primeiro é o compartilhamento de informações falsas, sendo o caso que melhor exemplifica o que foi dito até agora é o da “mamadeira de piroca”. Um vídeo compartilhado nas redes sociais e em grupos de *WhatsApp* mostrava que mamadeiras com bico em formato de pênis haviam sido distribuídas nas escolas do município de São Paulo (SP) durante a gestão de Fernando Haddad como prefeito da capital paulista. No vídeo, o rapaz que o grava afirma que isso seria uma forma encontrado por Haddad e o PT para combater a homofobia. A verdade era que a mamadeira com esse formato não passava de um brinquedo erótico vendido em sexshops do país⁵⁶.

A partir desta *fakenews* podemos observar que ela utiliza o mesmo sistema semiológico sugerido por Barthes. O signo do primeiro sistema seria a mamadeira com elementos fálicos que é voltada para um público adulto e que remete a atos sexuais. A notícia falsa atribui um novo significado a esse objeto ao afirmar que ele era voltado para o uso de crianças. Cria-se o sentido de que crianças estariam sendo estimuladas a práticas sexuais pelos projetos contra homofobia do PT, e isso ecoa com outro achado de Girardet:

A criança, sobretudo quando pertence às categorias dominantes do corpo social, constitui com toda evidência se objeto privilegiado. Não se tentará apenas agir sobre sua inteligência, suas leituras, seus hábitos de pensar e sentir (...) "Os agentes" colocados juntos dela (...) a incitarão pouco a pouco a repudiar as concepções habituais de bem e mal; cultivarão seus vícios, lhe inculcarão outros, a estimularão a essa "libertinagem precoce" (1987, p. 40-41)

A segunda manifestação são os casos de violência observados durante e após as eleições. A maioria foram contra gays, mulheres e pessoas que usavam algum símbolo da esquerda, como bonés, broches, adesivos ou camisetas que continham o logo de algum movimento social,

⁵⁶Após o vídeo ganhar repercussão na internet, a Folha de São Paulo publicou uma matéria onde explicava a origem da mamadeira com bico de pênis, numa tentativa de elucidar o caso. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/mamadeiras-eroticas-nao-foram-distribuidas-em-creches-pelo-pt/>

partido político, principalmente PT, ou que fizesse propaganda contra Bolsonaro. O caso mais emblemático foi o assassinato do mestre de capoeira Romualdo Rosário da Costa, o Moa do Katendê⁵⁷. Ele foi morto a facadas, seu agressor afirmou que fora motivado por divergências políticas, pois ele seria eleitor de Bolsonaro, e Moa teria declarado que votou em Haddad. Como o historiador André Luiz Joaquinho diz em seu artigo *Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas na Web*, “atacar o inimigo, não é atacar outro ser humano, mesmo porque, dentro dessa lógica (a do mito da conspiração), o inimigo não leva em consideração a humanidade” (JOANILHO, 2014, p. 2).

Para finalizar este tópico é preciso entender que a eficiência do mito do complô se deve a sua função social que é de explicar uma situação de caos, que no caso pode ser entendido como uma crise de natureza social, econômica ou política pela qual uma sociedade está passando. Como as causas para tal cenário nem sempre são de fácil compreensão uma vez que elas podem envolver múltiplos fatores a serem compreendidos e analisados, o uso da justificativa que há uma organização criminosa por trás de tudo tende a reduzir todos os fatos a uma mesma e única causalidade. Ao se fazer isso, o sistema inicialmente caótico, se torna novamente inteligível e capaz de ser racionalizado e compreendido. Dessa forma, ao subverter os membros da sociedade através de planos bem arquitetados, o complô assume controle absoluto sobre os eventos históricos.

A lógica da manipulação se vê substituindo a imprevisibilidade dos acidentes da história. No segredo do complô, um realizador desconhecido vai dispor dos acontecimentos em função de um plano preestabelecido de que apenas ele conhece o inexorável desfecho (GIRARDET, 1987, p. 32).

4.2 O SALVADOR É BRASILEIRO

A narrativa da conspiração pode ser entendida como uma “manifestação de medo, ou de desnorteamento coletivo. Mas ao ser definida e desenvolvida a partir de um obscuro sentimento de ameaça” (GIRARDET, 1987, p. 62), ela estabelece uma visão maniqueísta do mundo, onde o complô representaria as trevas e o mal. Entretanto, se há escuridão, deve haver também a luz, que nesse caso é representado pela figura do Salvador, aquele que seria o único capaz de liderar o povo em tempos sombrios e derrotar os inimigos. A existência desses

⁵⁷ Algumas horas após as eleições do primeiro turno, o mestre de capoeira baiano Romualdo Rosário da Costa foi morto a facadas em um bar em Salvador. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45806355>

personagens é uma consequência direta da existência do mito da conspiração, uma vez que se sentindo ameaçada, a sociedade anseia por um herói para protegê-la.

No caso estudado, se a esquerda é o responsável pelos males do Brasil, cabe a direita resgatar os valores e a ordem perdida. Obviamente, Bolsonaro se pôs como o herói que o cidadão brasileiro ansiava, sua abordagem diante de algumas questões primordiais para a população foram as responsáveis por sua ascensão. O exemplo perfeito disso ocorreu em uma de suas transmissões ao vivo para suas redes sociais⁵⁸. Na do dia 1º de outubro de 2018, o até então candidato proferiu que: “Não teremos outra oportunidade de mudar o destino do Brasil. Não sou salvador da pátria, mas entendo que essa possa ser a nossa missão, buscar o ponto de inflexão para mudar o destino do Brasil”.

Miguel identifica isso como o discurso do Salvador da Pátria que “ênfatiza muito mais, é claro, a excepcionalidade dos atributos do líder: ele é o único, o ‘único’ capaz de remediar a situação” (MIGUEL, 2000, p. 145). O autor também explica que o exagero em relação a gravidade da situação presente nesse tipo de discurso exige a presença de um herói. De acordo com Girardet, “o processo de heroificação pode apresentar-se organizado em vários períodos sucessivos, sensivelmente diferentes uns dos outros por sua tonalidade afetiva” (1987, p. 72), o que significa que a imagem do Salvador é uma construção que depende do momento e as necessidades da população. Inicialmente, há formulação da imagem das qualidades desejadas para o herói e em seguida há difusão dela. O autor explica que é comum que essa idealização da figura heróica corresponda a “expressão coletiva de um conjunto, na maior parte das vezes confuso, de esperanças, de nostalgias e de sonhos” (Ibidem).

A partir disso, precisa-se entender quais são as razões que o levaram a se considerado o herói da pátria. Pode-se dizer que há dois motivos: 1) alguns fatores situacionais, principalmente a questão do aumento dos índices de violência no país na última década; 2) o modo como ele se apresentou como um candidato *anti establishment*. Combinados, esses dois elementos permitiram que Bolsonaro se projetasse desta forma mitológica.

4.2.1 A violência e medo como fatores fundamentais

⁵⁸ Todas as transmissões ao vivo de Bolsonaro ficam dispostas para reprodução em seu canal no Youtube, como é o caso da realizada em 1/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6117jbeHBD0>

De acordo com o Atlas da Violência 2019⁵⁹, que coletou dados entre os anos de 2007 a 2017, a taxa de homicídios no Brasil cresceu de forma vertiginosa na última década, alcançando índices inéditos. Esses números influenciam na forma como as pessoas aceitam e legitimam ações autoritárias de seus governantes para resolver problemas. Thomas Hobbes defendia que o medo é um fator que garante a estruturação da sociedade, pois o “medo e temor são algumas das principais características que podem ser legitimamente utilizadas pelo Estado para lidar com os conflitos” (SILVA, 2017, p. 10).

Um exemplo disso ocorreu no início de 2017, quando a polícia de São Paulo realizou uma ação para acabar com a região da cracolândia no centro da capital⁶⁰. Alguns meses após o ocorrido, o instituto Datafolha produziu uma pesquisa com paulistas⁶¹ sobre a opinião deles acerca daquela operação policial. 55% dos entrevistados eram a favor da demolição de imóveis usados pelo tráfico na região da cracolândia e 80% eram favoráveis a internação compulsória de dependentes químicos. Medidas excepcionais como essas seriam justificadas pela insegurança.

Nesse contexto, um dos fatores que contribuiu para a ascensão de Bolsonaro foi seu discurso linha-dura. Frases como “(o policial) entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado⁶²” (SOARES, 2018), ou “Eu acho que essa Polícia Militar do Brasil tinha que matar é mais (...) a Anistia Internacional está na contramão do que realmente precisa a segurança pública do nosso país⁶³” (ARAÚJO, 2015) mostram que na visão do parlamentar a violência deve ser combatida com violência.

⁵⁹O Atlas da Violência 2019 é um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Foram coletados dados de todo o ano de 2017. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf

⁶⁰ Em maio de 2017, a polícia de São Paulo realizou uma ação de combate ao tráfico de drogas na cracolândia, no centro da capital. Foi considerada a maior operação com esse viés até então. Muitos jornais da capital reportaram o ocorrido, pois aconteceram diversas prisões, apreensões e conflitos entre policiais e usuários. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/27/politica/1495904964_618102.html

⁶¹Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2017/06/05/avaliacao_das_acoes_na_cracolandia.pdf

⁶² SOARES, Jussara. Bolsonaro diz que policial que mata '10,15 ou 20' deve ser condecorado. O Globo, São Paulo, 28 de ago. de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-policial-que-mata-10-15-ou-20-deve-ser-condecorado-23019806>

⁶³ ARAÚJO, Thiago de. Bolsonaro defende que a PM mate mais no Brasil. Exame, São Paulo, 5 out. de 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-defende-que-a-pm-mate-mais-no-brasil/>

Esse ponto de vista acaba repercutindo entre as classes médias e as mais pobres. Como o historiador Leandro Gavião e o filósofo Alexandre Valadares explicam em um artigo no *Le Monde*:

O discurso da guerra incondicional à criminalidade tem forte apelo junto à classe média não só porque ela julga que seus filhos jamais serão vítimas da violência policial, mas também porque, como minoria relativamente favorecida numa sociedade desigual, ela tem sempre presente a fragilidade de sua posição, cuja sensação contínua de insegurança é um epifenômeno. De outra parte, a exposição direta e cotidiana das classes pobres à violência – estatisticamente, os estratos sociais mais baixos são as maiores vítimas de crimes como roubo e assassinato –, agravada pelas condições adversas de moradia em bairros sem infraestrutura e em uma dura luta pela sobrevivência em jornadas exaustivas de trabalho, torna-as sensíveis ao discurso da repressão policial. (GAVIÃO e VALADARES, 2018)

A figura de Bolsonaro se destaca, pois, ao ignorar um cenário complexo onde vários fatores socioeconômicos atuam de forma simultânea, ele oferece à população uma saída imediata que eles anseiam para o problema da violência e criminalidade no país. E de certa forma, a própria realidade corrobora para essa visão simplista do bolsonarismo, pois com o aumento da população carcerária nos últimos anos⁶⁴, “as prisões têm servido menos para ressocializar os detentos que para retirar da vida social indivíduos identificados como ‘potencialmente perigosos’” (Ibidem, 2018). Isso condiz com afirmação de Girardet sobre o meio em que o mito do Salvador está inserido, pois sua estruturação é “condicionado pelo contexto factual em que se desenvolve (...) e de maneira mais sugestiva ainda, como uma espécie de revelador ideológico, o reflexo de um sistema de valores ou de um tipo de mentalidade” (1987, p.83).

Além de interferir na forma como a população entende a questão da segurança pública, o medo gerado pela violência também tem impacto na forma como eles escolhem seus representantes. Um estudo realizado pelo Datafolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁶⁵, na mesma época, concluiu que 69% dos brasileiros acreditava que “o que este país necessita, principalmente, antes de leis ou planos políticos, é de alguns líderes valentes, incansáveis e dedicados em quem o povo possa depositar a sua fé”. De acordo com as entidades,

⁶⁴ Entre o período compreendido entre 2000 e 2014, a população carcerária no país aumentou 270%, tornando o Brasil o quarto país que mais prende no mundo. Disponível em: <http://www.justificando.com/2016/04/26/populacao-carceraria-brasileira-cresceu-270-nos-ultimos-catorze-anos/>

⁶⁵ Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/10/FBSP_indice_propensao_apoio_posicoes_autoritarios_2017_relatorio.pdf

em uma escala de 0 a 10, a sociedade brasileira estava 8,1 propensa a endossar posições autoritárias.

Em *A personalidade autoritária*, Theodor Adorno afirma que “os objetivos da propaganda fascista se tornam alcançáveis mais facilmente de acordo com a existência de potenciais antidemocráticos na grande massa das pessoas”⁶⁶ (ADORNO, 1989, p. 231). Ele avalia que em épocas de crise (sejam de viés econômica, política ou social), personalidades autoritárias são mais propícias a aparecer e a ganhar poder, e isso ressoa com a afirmação de Girardet de que “é preciso reconhecer, por outro lado, no desenvolvimento histórico de todo mito político, a existência de tempos fortes e de tempos fracos, de momentos de efervescência e de períodos de remissão” (GIRARDET, 1987, p. 86). Embora haja sinais de que havia uma predisposição devido a condições sociais e políticas para que a figura de Bolsonaro acendesse no cenário nacional, a verificação disso escapa do objetivo deste trabalho.

4.2.2 A questão moral e política

Uma vez que o cenário era favorável para que o capitão ganhasse voz e espaço, é preciso avaliar o outro fator importante que é a questão do que a sociedade espera de seu herói idealizado. O Salvador precisa ser a antítese do que o Complô representa, então se nesse caso a Conspiração comunista é sinônimo de corrupção e de outros males, o herói deve ser incorruptível, defender os valores da sociedade brasileira, e que seja capaz de resolver outros problemas que afligem a nação. A pergunta é como que Bolsonaro se projetou dessa forma? Uma das suas principais táticas foi se apresentar como *antiestablishment*, ele conseguiu fazer isso a partir de seus constantes ataques ao petismo e aos grandes veículos midiáticos que se opusessem a sua eleição.

Ao se apresentar dessa forma, ele conseguiu desvincular sua imagem como membro da política tradicional e se aproximou da posição de cidadão comum, o que é reforçado pela forma simples como se apresentou em algumas ocasiões durante as eleições⁶⁷. Isso é extremamente importante, pois ao agir desse jeito, ele ganha mais simpatia do eleitor, que em sua maioria

⁶⁶ No original: “*The task of fascist propaganda, in other words, is rendered easier to the degree that antidemocratic potentials already exist in the great mass of people*”.

⁶⁷ Durante as eleições de 2018, Bolsonaro compartilhou vários vídeos em suas redes sociais. Em um deles, ele podia ser visto preparando café em meio a uma pilha de louça suja, ou tendo uma refeição simples. Em uma entrevista para a TV, o cenário de fundo era composto por utensílios domésticos como baldes, mangueira enrolada e botijão de gás.

também são cidadãos comuns, e reforça a ideia de ser um político honesto que vai contra o sistema estabelecido, que no imaginário social é sinônimo de corrupção⁶⁸.

Por isso, Bolsonaro se projetar como um *outsider* é essencial para a criação de sua imagem heróica, pois embora essa personagem que criou para si durante a campanha não condiga com a realidade, era exatamente o que os eleitores brasileiros buscavam. “Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em dado momento de sua história” (GIRARDET, 1987, p. 82).

Essa persona que ele incorporou foi reforçada pelos argumentos que utilizava para legitimar sua honestidade. O principal deles era referente ao julgamento do Mensalão, de acordo com o parlamentar, o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa o citou como o único deputado que não foi comprado pelo PT. O jurista tem papel fundamental na construção da imagem de político honesto de Bolsonaro, pois faz parte também do imaginário político brasileiro. Isso é devido a sua atuação no julgamento do mensalão petista, que lhe garantiu a imagem de alguém que combateu a corrupção e puniu os corruptos no poder⁶⁹. Então ao invocar a figura de Barbosa, Bolsonaro utiliza o prestígio do ex-jurista a seu favor, e consegue gerar credibilidade a sua fala. É preciso entender a forma que a posição de Bolsonaro como deputado do baixo clero⁷⁰ na Câmara também favoreceu para a construção de sua imagem de honesto.

Essa última afirmação pode ser vista na série de postagens de Joaquim Barbosa em sua conta oficial do Twitter⁷¹ sobre a forma como o capitão da reserva utilizou as suas declarações em algumas entrevistas⁷². O ex-ministro do STF afirmou que nunca declarou que o ex-capitão era o único político a não ter sido comprado pelo PT no caso do mensalão. No caso da Ação

⁶⁸ Esse dado pode ser confirmado pela pesquisa de opinião pública realizada pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/DAPP) durante o mês de agosto de 2017 que apontou que cerca de 78% da população não confia nos políticos. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/o-dilema-brasileiro-entre-descrenca-no-presente-e-esperanca-no-futuro/>

⁶⁹ Em 2012, o Globo fez uma matéria referente a forma como as pessoas expressavam seu apoio ao ex-ministro Joaquim Barbosa nas redes sociais através de memes. O site afirma que ele era representado como herói nacional devido sua atuação no julgamento do mensalão. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/joaquim-barbosa-o-justiceiro-nas-redes-sociais-6024965>

⁷⁰ Grupo de deputados com pouca expressão na Câmara dos Deputados, eles são movidos por interesses pessoais ou relacionados a sua base eleitoral.

⁷¹ FORMENTI, Lígia. Joaquim Barbosa rebate mensagens de Bolsonaro sobre Mensalão. Exame, Brasília. 27 de out. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/joaquim-barbosa-rebate-mensagens-de-bolsonaro-sobre-mensalao/>

⁷² Jair Bolsonaro afirmou isso durante entrevistas à Record, no dia 4 de outubro, ao jornalista Boris Casoy no dia 28 de setembro, ao Jornal Nacional, no dia 28 de agosto, a Globonews, no dia 3 de agosto, e ao Roda vida, da TV Cultura, no dia 30 de julho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>

Penal 470, só foram julgados líderes e presidentes de partidos, por Bolsonaro ser do baixo clero do Congresso, ele não fazia parte do processo do Mensalão. Além disso, textualmente, o magistrado afirmou que do PTB, Bolsonaro era o único que votou contra a aprovação da Lei das Falências, e prosseguiu citando que deputados petistas também haviam votado contra.

Mesmo assim, a figura de político honesto e *anti-establishment* perdurou de modo que seus seguidores encontravam formas de relativizar denúncias ou questionamento sobre a carreira política de Bolsonaro. Um exemplo disso é como uma das maiores *fanpages* no Facebook do político, Bolsonaro Opressor 2.0⁷³, reagiu ao episódio onde o parlamentar confirmou o repasse de dinheiro da JBS a sua campanha eleitoral de 2014. Em uma postagem (Figura 4) referente ao caso, os administradores dão novas releituras a declaração do político e a sua mudança de partido. Dessa forma há uma “deformação ou interpretação objetivamente recusável do real” (GIRARDET, 1987, p.13) que é a essencial do próprio mito político em ação.

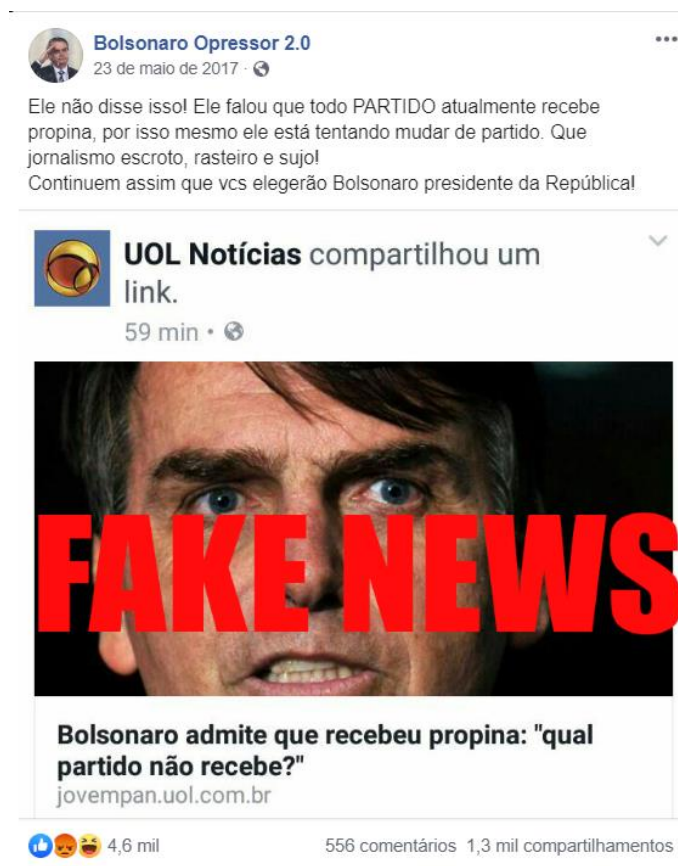


Figura 4 – Reação da página Bolsonaro Opressor 2.0 a reportagem da Jovem Pan sobre o dinheiro doado pela JBS para sua campanha de 2014. Fonte: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss/>. Acesso em: 16/09/2019

⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss>

4.2.3 A representação do herói na era digital

Da mesma forma que o complô é associado a imagens malignas, o herói, por ser a antítese, é ligado a imagens que glorificam sua personagem e enaltecem seus feitos. Isso aumenta a longevidade do mito do Salvador em torno de determinada figura no imaginário coletivo, pois permite que no tempo da lembrança, último momento dessa narrativa, a figura do herói se modifique “ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e de suas amplificações” (GIRARDET, 1987, p. 72).

Quando se busca possíveis manifestações desse mito na internet é preciso levar em conta que “temos uma enorme quantidade de plataformas as quais possuem suas próprias funcionalidades para a interação entre os atores sociais” (ALVES, 2017, p. 25). Devido a vasta quantidade de possibilidades existentes, pode-se percorrer caminho semelhante a Alvez, que analisou as principais páginas no Facebook de compartilhamento e criação de memes políticos, só que no caso deste trabalho, foca-se nas que apoiam o capitão. A partir de uma busca rápida no Facebook, descobre-se que as três maiores páginas bolsonaristas e que possuem maior número de curtidas são: *Bolsonaro Opressor 2.0*, *determiSomostodos Bolsonaro* e *Jair Bolsonaro 2018, a última Esperança da Nação*⁷⁴. As três compartilham quase que diariamente conteúdos relacionados ao político, como vídeos, notícias e, principalmente, imagens. De acordo com a abordagem conceitual proposta nesse trabalho, e com o objetivo de tornar mais claro a categoria girardetiana de Herói, selecionou-se alguns memes dessas páginas que exemplificassem a construção da figura de Bolsonaro como tal.

⁷⁴ Tirando a página oficial de Bolsonaro, as três mais curtidas no Facebook são: Bolsonaro Opressor 2.0 com 1.287.016 curtidas e 1.357.619 seguidores (link da página: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss/>); Somostodos Bolsonaro com 1.782.077 curtidas e 2.111.172 seguidores (link da página: <https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro/#>); Jair Bolsonaro 2018, a última Esperança da Nação com 999.902 curtidas e 1.102.038 seguidores (link da página: <https://www.facebook.com/bolsonaros2/>). Acesso em 23/09/2019



Figura 5 – Montagem com a imagem de Bolsonaro no centro da bandeira do Brasil sendo apresentado como única opção para o Brasil durante as eleições. Fonte: <https://www.facebook.com/bolsonaros2>. Acesso em: 23/09/2019



Figura 6 – Gravura representando Bolsonaro lutando contra seus inimigos, o desenho faz referência a luta de Hércules contra Cerberus, o cão do inferno. Fonte: <https://www.facebook.com/Bolsonaronewss/>. Acesso em: 23/09/2019



Figura 7 – Montagem onde Bolsonaro é colocado junto a heróis da cultura popular atual, Homem de Ferro, Capitão América, Batman e Homem Aranha. Fonte: <https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro>. Acesso 23/09/2019

Nas três imagens escolhidas, percebe-se que o mito do herói, o discurso do Salvador da Pátria (Figura 5) e sua imagem anti-establishment (Figuras 6) são reproduzidos de formas diferentes. As ideias de Bolsonaro são difundidas na internet através de memes, confirmando a fala de Alves de que “com o uso constante da cultura pop e do exagero, o mito do Salvador se manifesta na maioria das vezes agregado de humor” (2017, p. 37).

É interessante reparar o uso de referências culturais para enaltecer a imagem do político, enquanto em um se faz uma alusão ao mito dos doze trabalhos Hércules (Figura 6), onde Bolsonaro está no papel do herói grego enfrentando uma criatura monstruosa semelhante a Cerberus, cão infernal, que nesse caso é composto por políticos considerados corruptos e de esquerda, em outra (Figura 7), o ex-capitão é comparado a super heróis da cultura *pop* atual. Essas construções mostram que “os signos sob os quais ele (o salvador) se coloca, as imagens que inspira para assegurar sua representação constituem um elemento determinante para a abordagem de um tempo e de uma sociedade” (GIRARDET, 1987, p. 86). Em outras palavras, o mito se utiliza de elementos do contexto social e cultural em que está inserido para criação de seus personagens. Dessa forma tanto o emissor do discurso mitológico assim como os receptores dele perpetuam os signos fabricados.

4.2.4 Que tipo de herói Bolsonaro é?

De acordo com Girardet, a construção mitológica acerca da figura do herói obedece a uma ordem cronológica que pode ser definida por diferentes períodos:

(...) o tempo de espera e do apelo, quando há o desejo por um salvador idealizado, o tempo de presença, quando o Salvador finalmente surge, prestes a realizar os anseios dos aflitos, algo que é mais suscetível às manipulações voluntárias, e o tempo da lembrança, onde é trabalhada a memória do herói do passado de acordo com a conveniência dos jogos políticos presentes. (ALVES, 2017, p.16)

Com isso, surgem alguns arquétipos de heróis. O historiador francês explica que a forma que eles encarnam depende do contexto em que a narrativa mitológica está inserida. Logo, é possível dividi-los de acordo com as seguintes categorias:

1. **Homem velho:** Um personagem que anteriormente já havia exercido um grande papel em questões de referente a paz ou a guerra, porém após uma vez sua missão concluída, resolveu escolher um retiro modesto, preferindo o anonimato do que a vida pública. Entretanto uma vez que a sociedade se sente ameaçado por forças do complô, ele é obrigado por ela a voltar à frente do Estado para mais uma vez servir ao povo.
2. **Aventureiro:** “A legitimidade de seu poder não provém do passado, não depende do fervor da lembrança; inscreve-se no brilho da ação imediata” (GIRARDET, 1987, p. 75). Suas ações são consideradas extraordinárias o que lhe garante sua marca na história.
3. **Homem providencial:** Garantem a manutenção de seu poder através do discurso moral, onde se apresentam como os guardiões dos fundamentos da pátria. Eles recorrem a imagem dos grandes ancestrais (aqueles que foram imortalizados na história por seus feitos e pela sua conduta ética), afirmando serem ser seus legítimos herdeiros.
4. **Profeta:** Ele é o anunciador de uma nova ordem, uma vez que possui a capacidade de entender a história de formas que os outros não conseguem. “Ele próprio é conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro” (Ibidem, p. 78). O profeta atrela seu destino pessoal ao do povo, tornando-se a representação da sociedade em sua totalidade.

No caso do Bolsonarismo é difícil identificar que tipo de herói ele seria exatamente, pois há uma mistura de características dessas figuras mitológicas em sua personagem. Devido ao seu discurso moral e a constante resgate a imagem dos militares ele poderia ser considerado um Homem Provincial. Contudo, ele pode ser visto também como um Aventureiro, pois seu poder mítico não é conferido graças a sua carreira política de 30 anos, mas sim a forma como posicionou politicamente nos últimos anos. Ao mesmo tempo, ao anunciar a chegada de um Brasil sem corrupção e se portando com a única salvação do país ele se posiciona como profeta. Ele se torna uma amálgama dessas figuras heroicas que não pode ser classificado em um único modelo.

Foi descrito até aqui a construção da narrativa heroica e todas as variações que a caracterização do personagem central da trama pode ter. Porém, é de suma importância, entender que de nada disso serve se o ator político designado a esse papel não tiver as características que correspondam às expectativas da sociedade. A eficiência do mito depende que as forças que constroem a imagem desse personagem, seja o próprio ator político ou a mídia, consigam identificar os sinais de seu tempo e captar as esperanças e receios das pessoas.

4.3 A IDADE DE OURO

Entre o caos e esperança produzidas pelo complô e pelo herói, respectivamente, surge a terceira manifestação mitológica que age intensamente sobre o imaginário coletivo. Baseando-se em um sentimento de nostalgia, o mito da idade do ouro resgata a imagem de um passado idealizado que serve de guia para a restauração da sociedade. “A tradição é invocada na esperança de sua continuidade (ou daquilo que se apresenta como sendo sua continuidade), a evocação do grande homem é um argumento de autoridade em favor desta ou daquela proposta” (MIGUEL, 2000, p. 28).

A construção desse passado perfeito é realizada através da evocação de épocas já marcadas na história e que são tidas como os “bons e velhos tempos”. Isso não significa que elas não possam ter sido de fato vividas pelos saudosistas, pelo contrário, é comum a memória pessoal servir de respaldo para o mito da idade de ouro, pois ela não é a melhor forma de registro. O passado construído por ela vem da seleção de lembranças significativas e emotivas que são amplificadas em detrimento dos inconvenientes.

É comum haver uma convergência entre o mito do Salvador e da Idade de ouro, por isso não é de se estranhar que a reflexão sobre o passado esteja inserida na fala do herói, portanto como ponto de partida, deve-se identificar se no discurso de Bolsonaro há a exaltação de um período histórico em específico. Para isso utilizaremos novamente os resultados obtidos por Dibai ao longo de sua pesquisa:

A temática militar é tão importante na visão de mundo de Bolsonaro que aparece em 86,3% dos 22 materiais pesquisados. A defesa da memória/legado da ditadura é, de longe, o tema mais falado, ocupando 79,5% das entrevistas. O interessante é que os posicionamentos assumidos em relação ao regime militar são todos voltados para protegê-lo ou reconstruí-lo positivamente, nunca como uma crítica, um pedido de desculpa ou uma autorreflexão dos equívocos. Sempre a postura assumida é a de defesa dos militares/regime, seguida do ataque a seus adversários diretos. Mesmo quando reconhece algum abuso ou desvio, imediatamente apresenta contra-argumentos para justifica-lo ou escolhe alguém para culpar diretamente. (2018, p. 154)

Durante toda sua carreira política, a defesa ao regime militar sempre foi uma constante em sua fala, o que importa são os argumentos utilizados por ele para legitimar aquele período como “ótima época”. Dibai aponta que ele usa como principais justificativas uma suposta falta de corrupção, uma maior segurança e o respeito à ordem. A partir disso é importante perceber que do modo que foi apresentado até aqui, essas são as mesmas reivindicações dos seguidores do bolsonarismo. Isso significa que a Idade de Ouro para essas pessoas seria a ditadura militar?

É difícil de responder, pois embora esse mito seja um elemento comum no discurso político, quando se entra no espectro popular essa questão se torna mais subjetiva. O que pode ajudar a elucidar isso são alguns dados sobre a opinião pública acerca do período militar. Em 19 de outubro de 2018, o Datafolha divulgou uma pesquisa⁷⁵ onde uma das perguntas era “Pelo que você sabe ou ouviu dizer, a ditadura militar que governou o país de 1964 a 1985 deixou mais realizações positivas do que realizações negativas para o Brasil ou deixou mais realizações negativas do que realizações positivas para o Brasil?”. Como resultado, o instituto obteve que 51% dos entrevistados afirmaram que houve mais realizações negativas do que positivas, enquanto 32% responderam o oposto. Esse resultado é semelhante ao obtido em outra pesquisa

⁷⁵ G1. 19 de out. 2018. 50% dos eleitores afirmam que há 'alguma chance' de haver nova ditadura no Brasil, diz Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/19/50-dos-eleitores-afirmam-que-ha-alguma-chance-de-haver-nova-ditadura-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>

Datafolha realizada em março de 2019, onde foi questionado se o golpe de 1964 deveria ser celebrado, como o presidente Jair Bolsonaro propôs⁷⁶.

Verifica-se que o apoio à ditadura militar é restrito a um grupo da sociedade, não sendo uma opinião majoritária. Logo, não é possível afirmar que então as declarações de Bolsonaro exaltando a memória desse regime sejam de fato o mito da Idade de Ouro, mesmo que elas condigam com alguns requisitos narrativos dessa constelação mitológica. Girardet lembra que o uso da memória pessoal ou coletiva não é a única forma de se construir esse tipo de narrativa. Ele afirma que se pode utilizar um tempo não histórico também.

O tempo de referência não está mais ligado, então, a qualquer periodização, ele escapa à cronologia, condena à inutilidade todo esforço da memória. A noção do “antes” torna-se uma espécie de absoluto, liberto de toda a dependência com relação à sucessão dos séculos e milênios. A visão da idade de Ouro confunde-se irredutivelmente com a de um tempo não-datado, não-mensurável, não-contabilizável, do qual se sabe apenas que se situa no começo da aventura humana e que foi o da inocência e da felicidade. (1987, 101)

Aqui se abre uma nova indagação, qual seria esse tempo prometido? Tanto quanto Girardet e Miguel definem como Idade de Ouro o período idealizado que contrasta com o presente corrompido. A partir das análises feitas até este ponto, é visível que na visão bolsonarista, a atualidade é marcada pela corrupção política, econômica e social do Brasil, onde os valores considerados conservadores foram deturpados pela esquerda nacional. Em decorrência disso, se torna lógico afirmar que então o futuro prometido e que Bolsonaro se encarregou de encaminhar o povo seria o oposto disso.

De fato, o plano de governo de Jair Bolsonaro apresentado ao TSE⁷⁷ apresenta muitos elementos que corroboram com essa hipótese. O próprio nome do plano já dá indícios disso. Nomeado de *Caminho para a prosperidade*, o título faz alusão de que o projeto de Bolsonaro seria a direção certa a tomar para o desenvolvimento do Brasil. O que se materializa no texto introdutório do arquivo:

Propomos um governo decente, diferente de tudo aquilo que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal. Um governo sem toma lá-dá-cá, sem acordos espúrios. Um governo formado por pessoas que tenham compromisso com o Brasil e com os brasileiros. Que atenda aos anseios dos cidadãos e trabalhe pelo que realmente faz a

⁷⁶ De acordo com a pesquisa Datafolha realizada em 31 de março de 2019, 57% dos brasileiros consideravam que a data em que é comemorado o golpe que instaurou a ditadura militar no país deveria ser desprezada, enquanto 36% concordavam com o presidente Bolsonaro de que ela deveria ser celebrada. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/04/09/6eefsfstsse375c1edf00e2256494e20b3gm.pdf>

⁷⁷ Disponível em:

http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf

diferença na vida de todos. Um governo que defenda e resgate o bem mais precioso de qualquer cidadão: a Liberdade. Um governo que devolva o país aos seus verdadeiros donos: os brasileiros. (BOLSONARO, 2018, p.2)

Logo nas páginas iniciais, tem-se o capítulo *Valores e Compromissos*, nele são divulgados quais os principais objetivos de seu governo. Um tópico importante e que expressa o mito da Idade de Ouro no bolsonarismo de forma clara é o seguinte: “Quebrado o atual ciclo, com o Brasil livre do crime, da corrupção e de ideologias perversas, haverá estabilidade, riqueza e oportunidades para todos tentarem buscar a felicidade da forma que acharem melhor” (BOLSONARO, 2018, p. 5). É de fácil percepção a dicotomia entre presente e futuro que caracteriza a constelação mitológica abordada aqui.

O que é importante a ser observado é o futuro brilhante que aguarda o Brasil, um que satisfaz todas as demandas da população, mais segurança, combate a corrupção e a tudo que consideram imoral. “O Brasil passará por uma rápida transformação cultural, onde a impunidade, a corrupção, o crime, a ‘vantagem’, a esperteza, deixarão de ser aceitos como parte de nossa identidade nacional, POIS NÃO MAIS ENCONTRARÃO GUARIDA NO GOVERNO” (Ibidem, p. 15) tal afirmativa demonstra o caráter profético da Idade de Ouro, pois “a atividade política é despida de qualquer característica criadora e se resume a cumprir um destino inevitável” (MIGUEL, 2004, p. 392-393).

Não há uma explicação profundo de que forma será feita essa “transformação cultural”, questões como combate ao crime e corrupção, saúde e educação, e economia tem seus problemas resolvidos a partir de soluções rasas que não englobam todas as variáveis. Isso não se apresenta como um problema, pois o poder do mito político não vem da lógica, mas sim das emoções. Então dessa forma a Idade de Ouro é alimentada pelos sonhos e impulsos daqueles que crêem no futuro profetizado por Bolsonaro, tornando esse tempo idealizado “ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora” (GIRARDET, 1987, p.98).

O mito da idade de ouro serve “como uma resposta a um sentimento de desaprovação ou de rejeição do presente momento” (ALVEZ, 2017, p. 17) que foi criado pela decadência moral causada pelo complô. Ele tem um forte caráter mobilizador, o mesmo que Sorel destacou em seus estudos, por isso, ao mesmo tempo que deforma o passado e o utiliza para exaltar os ânimos da população, esse mito assume o papel de expectativa para o futuro. Miguel explica que essa dualidade faz parte do próprio discurso político, “afinal, (o discurso político) sempre expõe representação do futuro. Ao propor a alteração ou a permanência de práticas e instituições sociais, ele projeta a imagem da sociedade que admirará” (MIGUEL, 2000, p. 28).

Portanto, é possível afirmar que tanto o mito do Salvador como o da idade de ouro têm uma função social parecida. Enquanto o do complô explica a situação caótica, esses dois buscam uma solução para esse cenário. Dessa forma, para que o mito abordado neste tópico funcione, ele precisa ter um alinhamento ideológico para a construção de uma sociedade idealizada com o discurso do seu emissor, que tende a ser o herói. Seus efeitos de mobilização serão potencializados pelo próximo mito a ser apresentado, o da Unidade.

4.4 A UNIDADE

Até agora se tem a representação do jogo político, onde o Bem, o Mal e o resultado da luta estão incorporados na figura de Bolsonaro, na ameaça comunista e no Brasil que ele profetiza chegar com sua vitória, respectivamente. Isso nos leva ao quarto e último elemento mítico que é o da unidade. Girardet explica que a sociedade possui dois sistemas de valores sociais:

De um lado, a insistência na autonomia do indivíduo e em sua capacidade de livre disposição de si mesmo (...) Do outro, a vontade de unir e de fundir, a visão de uma sociedade homogênea e coerente, a condenação em nome do bem comum do recolhimento do indivíduo em si mesmo e em seus interesses (GIRARDET, 1987, p. 145)

Embora os dois existam ao mesmo tempo, o imaginário político age de formas diferentes sobre elas. Enquanto a busca da individualidade é um argumento que pouco seduz, o oposto ocorre em relação a Unidade, e por isso ela serve de força motriz nos discursos políticos. Como Miguel lembra “todo projeto político busca uma unidade capaz de levá-lo adiante, de implantá-lo. Para que ganhe visibilidade, ele precisa reunir uma multiplicidade de individualidades, interesses e ambições num projeto comum” (MIGUEL, 2000, p. 39).

Essa busca por um equilíbrio social é um reflexo do desejo por uma “sociedade não individualizada e centrada em uma moral ou religião” (ALVEZ, 2017, p. 17). Ela teria como manifestação máxima a religião civil defendida por Rousseau. O pensador francês afirmava que o Estado havia deixado de ser um, agora havia o governo de um lado e a religião de outro. O indivíduo viveria uma contradição já que não poderia ser cidadão e devoto ao mesmo tempo, por isso seria necessário organizar uma “profissão de fé ‘puramente civil’, da qual caberá ao soberano fixar os artigos” (GIRARDET, 1987, p. 147). Ao unir esses dois pólos, se eliminaria as contradições o que levaria a um estado de total coesão, o que garantiria a conformidade da vontade individual sobre a geral.

Assim como os outros mitos, a Unidade também passaria por diferentes reformulações ao longo do tempo, se adequando ao contexto de cada um, podendo assumir caráter revolucionário à conservador. Entretanto o objetivo continua o mesmo.

a preocupação maior permanece sempre a de uma unidade a ser redescoberta, de um equilíbrio a ser recuperado tanto no plano moral individual quanto no da consciência coletiva, no coração do homem assim como no quadro das instituições do Estado. Sempre, no final, das contas, a mesma obsessão de uma falha a preencher, de um cisma a evitar, de uma contradição a superar... (GIRARDET, 1987, p. 151).

E como isso se aplica ao Brasil atual? De acordo com artigo publicado no site poder360 pelo pesquisador André Bello do Laboratório de Pesquisa em Comportamento Político, Instituições e Políticas Públicas (LAPCIPP/UNB) avalia que desde as eleições de 2014 o país vive um cenário de polarização política, momento em que ele avalia que se iniciou a divisão entre petismo e antipetismo. Além disso, ele afirma que existem outros fatores que acentuaram a divisão política brasileira.

(...) a Lava Jato e o Bolsa Família foram determinantes para a polarização política por serem fatores que aumentaram o antipetismo ao longo do tempo. Os sentimentos relativos ao futuro da economia do ponto de vista pessoal e do país, bem como a inflação e o PIB, produziram também polarização política. (BELLO, 2019)

A polarização política seria a antítese do pensamento brasileiro (Ibidem), mas o que seria esse pensamento brasileiro? A resposta para essa pergunta é dada por Marilena Chauí em seu livro *Mito fundador e sociedade autoritária*. Já no início da obra, ela afirma que:

Há, assim, a crença generalizada de que o Brasil: 1) é “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro\generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor;3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização -isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo. (CHAUÍ, 2001, p.4)

Ela afirma que essa imagem de um país sem conflitos, com um povo cordial é incorporada numa crença que apagaria as contradições existentes na realidade e produziria a ideia de uma sociedade unida. Isso tudo seria fundamentado pelo o que ela chama de *Mito fundador*, que tem como bases a sagração da natureza, história e governantes. “A partir desta tríade, constituiu-se um repertório de representações sobre a realidade social brasileira que, de tempos em tempos, foi reatualizado a ponto de se manter vivo quinhentos anos depois” (PAIVA CRUZ, 2000, p. 99).

O *Mito fundador* é apropriado pelo poder político, que o transforma em um *semióforo*⁷⁸, nesse caso o semióforo-matriz é a Nação, que “por meio da *intelligentsia* (...) o poder político faz da nação o sujeito produtor dos semióforos nacionais e, ao mesmo tempo, o objeto do culto integrador da sociedade una e indivisa” (CHAUÍ, 2001, p.9). O conceito de Nação é explanado a partir do “caráter nacional” e da “identidade nacional”. O primeiro seria uma formulação de uma explicação sobre as características da sociedade brasileira, sem explorar as divisões existentes nela. Já o segundo pode ser compreendido como “harmonia e/ou tensão entre o plano individual e o social e também como harmonia e/ou tensão no interior do próprio social” (Ibidem, p.14). Desse jeito, a identidade nacional se torna a consciência nacional, originando a ideia de Nação.

A autora expõe outras formas como o semióforo Brasil se firmou ao longo dos séculos. Ela cita como primeira expressão marcante o verde-amarelismo que inicialmente refletia a mentalidade colonial agrária das classes dominantes do país, que viam o Brasil como mero exportador. Com a modernização do país, o verde-amarelismo ficou desatualizado, porém esse conceito perdurou, porque “essa permanência não é casual nem espontânea, visto que a industrialização jamais se tornou o carro-chefe da economia brasileira como economia capitalista desenvolvida e independente” (CHAUÍ, 2001, p. 23).

Em meados de 1920, o verde-amarelismo sofre algumas modificações, pois passa a dividir espaço com a noção de povo brasileiro. Para manter a condição periférica do Brasil, ele é ressignificado e incorpora em seu discurso a classe trabalhadora. Isso é feito através do populismo de Vargas para “neutralizar os riscos da ação política dessa classe” (CHAUÍ, 2000, p. 24). Portanto a partir dessa nova concepção, o verde-amarelismo estabelece que não há luta de classes e que no lugar dela há “a cooperação e a colaboração entre o capital e o trabalho, sob a direção do Estado” (Ibidem, p. 24).

Evidente que desde o início do século XX até hoje o verdeamarelismo passou por novas ressignificações. Durante o período ditatorial militar, essa ideologia tem duas funções de acordo com Chauí:

⁷⁸ (...) um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação. (CHAUÍ, 2001, p.7)

primeiro lugar, ela permitia enfatizar que o país possuía recursos próprios para o desenvolvimento e que a abundância da matéria-prima e de energia baratas vinha justamente de sermos um país de riquezas naturais inesgotáveis; em segundo lugar, ela assegurava que o mérito do desenvolvimentismo se encontrava na destinação do capital e do trabalho para o mercado interno e, portanto, para o crescimento e o progresso da nação contra o imperialismo ou a antinacão. (CHAUÍ, 2001, p. 25)

Já na redemocratização do Brasil, o verdeamarelismo volta ao cenário político através das manifestações dos “caras pintadas” que eram a favor do impeachment de Collor. Só que desta vez, ela representava uma forma de contestação contra a classe dominante, o que significa uma superação do paradoxo existente até então, que como a filósofa explica:

o verdeamarelismo comparecia sob duas roupagens antagônicas: numa delas, ele exprimia a maneira ingênua e alienada com que se manifesta o nacionalismo natural e espontâneo das massas, as quais, dessa maneira, reconhecem as potencialidades do país para passar da pobreza e do atraso ao desenvolvimento e à modernidade. Na outra, ele era o signo da própria alienação social, produzida pela classe dominante do período colonial e imperial e difundida por uma classe média parasitária, caudatário da imagem que os imperialistas ou as metrópoles inventaram e que os nacionais, alienados, imitaram e prosseguiram. (Ibidem, p.25)

Então como Chauí evidencia, houve a criação no imaginário social de um Brasil sem conflitos e com um povo unido, e isso ecoa com a afirmação de Barthes que ao naturalizar a história, a sociedade aceitaria de forma mais fácil a ordem estabelecida nela, pois ela passaria a ser vista como algo natural. Entretanto, como Bello também expôs, a polarização política a partir de 2014 rompeu esse paradigma. Em consonância a esses autores, Miguel (2000, p. 41) afirma que o sentimento de nostalgia da unidade e a aversão ao conflito são fatores fundamentais que levam as pessoas a aderir ao mito da unidade. Esses sentimentos são potencializados quando há perda dessa harmonia e surgem divergências no ciclo familiar e de amizades. Conforme alguns veículos midiáticos reportaram, os embates devido a polarização política, que até então estavam reservados a manifestações ideológicas e partidárias nas ruas, atingiram o âmbito pessoal gradualmente, levando a brigas entre amigos e familiares⁷⁹ conforme as eleições presidenciais se aproximavam.

Tem-se então em 2018 um cenário de um país dividido politicamente. O embate ideológico é necessário para o funcionamento da democracia, pois ela gera debates que dão

⁷⁹ Durante as eleições de 2018, alguns jornais produziram matérias abordando a questão como a polarização política afetou famílias, amigos e casais. Por exemplo, a revista Veja (disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/clima-de-eleicoes-leva-desavenca-entre-amigos-e-familias/>) se limitou a recolher depoimentos de pessoas que se envolveram em brigas por causa de seu posicionamento político. Já o Globo (disponível em : <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/04/eleicao-abala-grupos-de-amigos-e-familias-no-whatsapp-veja-historias-e-dicas-para-lidar-com-discordias.ghtml>) procurou também dar soluções para esse problema, enquanto a Carta Capital (disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-guerranas-familias-durante-as-eleicoes/>) tentou dar possíveis explicações para esse fenômeno.

origens a novas ideias. Entretanto, esse mesmo “conflito é visto, via de regra, como algo negativo e até ameaçador. Quando há um conflito, é necessário intervir para suprimi-lo” (MIGUEL, 2000, p. 41). A intervenção surge a partir de um discurso de reunificação, a presença do mito da unidade foi explícito em todas as campanhas eleitorais daquele ano. Um exemplo disso é o nome de algumas coligações partidárias, como a de Geraldo Alckmin, que se chamou “Para Unir o Brasil”, ou a de Mariana Silva, “Unidos para transformar o Brasil”.

O primeiro sinal da aparição desse mito na campanha bolsonarista foi em seu projeto de governo, na última página, o até então candidato à presidência expôs que só seria possível alcançar os objetivos propostos caso houvesse o resgate da fraternidade entre os brasileiros. O próprio *slogan* de campanha “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo” é uma alusão ao mito da unidade, pois como Chauí explicou, a Nação brasileira serve de semióforo que transmite a ideia de país uno. Ao proclamar que o Brasil está acima de todos, Bolsonaro reproduz a noção de que a unidade nacional deve se sobrepôr a qualquer divisão interna.

Outra manifestação dessa constelação mitológica está presente nas falas do presidencial. Percebe-se que no início da campanha eleitoral, ela se restringia ao seu slogan e ao projeto de governo. A partir do final do primeiro turno e com a aproximação do dia da votação, a presença da unidade se intensificou em seu discurso. Isso pode ser entendido como resposta a forma como Fernando Haddad conduziu a sua campanha eleitoral no segundo turno⁸⁰.

A primeira menção pública a um projeto de unificação da nação surgiu em uma entrevista ao Jornal da Record, no dia quatro de outubro. Na ocasião Bolsonaro afirmou que era o nome ideal para “unir o povo brasileiro”. No dia seguinte em uma entrevista à rádio CBN de Pernambuco e em uma transmissão ao vivo para suas redes sociais, o pesselista voltou a afirmar seu compromisso em unificar o Brasil, que de acordo com ele, o PT desuniu. Esse tipo de declaração se manteve após o fim das eleições, fazendo parte até mesmo de seu discurso de posse.

⁸⁰ Após ter ficado em segundo colocado na votação do primeiro turno, o candidato Fernando Haddad (PT) buscou formar uma frente democrática com políticos da centro-esquerda e que seria ampliada a partir do apoio de nomes como o de FHC, Ciro Gomes (PDT), Marina Silva (Rede), Henrique Meirelles (MDB) e o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa, porém nenhum deles apoio de forma explícita o petista. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/nem-todos-vaio-atuar-como-eu-gostaria-diz-haddad-sobre-fracasso-de-frente-democratica.shtml>

O elemento mais importante a ser analisado é o modo como capitão incorporou o verde-amarelismo em sua campanha. Como Chauí afirma em seu livro, que umas formas de propagar as ideias do verde-amarelismo foi através do uso de símbolos nacionais, em específico as cores da bandeira brasileira. Ela cita como exemplo as comemorações de 1958 e 1970, nelas “a população saiu às ruas vestidas de verde-amarelo ou carregando objetos verdes e amarelos” (CHAUÍ, 2000, p. 20). A partir do final do século XX, com a chegada da nova ordem política, o uso da bandeira nacional serve como forma de afirmação de brasilidade dentro de um processo de afirmações de nacionalidade. Dessa forma, o verdeamarelismo intensificou sua ligação com a ideia de Nação, que continua a ser um semióforo.

A partir disso, é possível traçar um paralelo com as eleições de 2018. Quando se observa as cores utilizadas na propaganda bolsonarista, percebe a predominância do verde, amarelo e azul anil, as mesmas da bandeira do Brasil, em uma tentativa de evocar a ideia de Nação. Ao fazer isso, e aliado ao discurso de defesa a interesses nacionais e de retomada dos tais valores brasileiros, Bolsonaro utiliza esse semióforo em seu próprio benefício, atrelando a sua imagem ao da sociedade brasileira presente no imaginário político.

Todavia é errôneo afirmar que a campanha de Bolsonaro reviveu o verde-amarelismo. Desde o período de 2013, às manifestações contra Dilma Rousseff e o PT levaram milhares de pessoas a rua, uma marca desses protestos foi o uso da camiseta da seleção brasileira como símbolo usado pelos seus participantes. O uniforme “passou a significar uma adesão aos movimentos de quem se opunha aos governos do PT”⁸¹, como afirma o sociólogo do futebol e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Ronaldo Helal. O que é perceptível que da mesma forma que o pesselista absorveu o antipetismo em sua campanha, é possível afirmar que ele também atrelou o verde-amarelismo existente à sua causa, fortalecendo ainda mais a mensagem de unificação nacional.

⁸¹ PIRES, Breiller. Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas. El País, São Paulo, 17 jun. de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html>



Figura 8 – Comparação entre manifestações a favor do Impeachment de Dilma Rousseff (à esquerda) e de eleitores pró-Bolsonaro (à direita). Fonte: autoria própria

4.5 MITOLOGIA BOLSONARISTA REVISITADA

Uma vez o mito da Unidade explicado, é necessário entender as relações que se formam entre os quatro mitos aqui apresentados. Recapitulando: o complô e o herói vivem em uma relação simbiótica, por serem antagônicos, um necessita do outro para existir. A Idade de Ouro que se apresenta como um objetivo a ser alcançado, em uma exaltação ao passado que justifica a ressurreição da sociedade no futuro, só se torna real se as pessoas sentirem que o complô realmente denegriu a sociedade; porém esse só se mostrará efetivo caso haja um alinhamento ideológico entre ele e a figura do herói. A Unidade estabelece relações únicas com cada um dos mitos, a do Herói é a primeira que deve ser analisada. Como Miguel (2000) recorda, Hobbes diz que só se pode compreender uma multidão quando essa escolhe um representante que falará em seu nome, pois a massa em si não possui forma ou poder de fala. O escolhido se tornará o porta voz desse grupo, “encarado a partir de então como portador de uma vontade – tornado uma “pessoa artificial”, na terminologia do *Leviatã*” (MIGUEL, 2000, p. 40). Em outras palavras a narrativa da união é o que garante a legitimidade do herói, pois é a partir dele que o povo confere os poderes a seu representante, já que esse se identifica, quase que de forma divina, com todos.

A Conspiração tem função de explicar de forma limitada e simplória uma crise, seja social, econômica ou política. Em contrapartida a Unidade se mostra como a solução. A Idade de Ouro é o objetivo máximo a ser alcançado, uma vez que ao exaltar uma suposta grandeza do passado se projeta a ressurreição da sociedade no futuro. No entanto só é possível alcançar essa meta caso as pessoas se unirem, pois só juntas elas podem acabar com o complô e restaurar a harmonia social dos “bons e velhos tempos”. Quando se avalia como o bolsonarismo elaborou toda uma mitologia política, percebe-se o caráter despolutizante dos mitos apontado por Barthes,

o que permite a naturalização de ideias falsas, como a do PT ser um partido que desde sua origem é corrupto.

E como visto, o mito do Herói e a Unidade apresentam também essa capacidade de eliminar a história por trás de um objeto. Toda a carreira política de Bolsonaro que é repleta de escândalos e de incongruências passa a ser desconsiderada, pois o seu eleitorado passa a vê-lo unicamente a partir da imagem que buscou transmitir durante sua campanha, de que é um político honesto e contra o *establishment*. Por outro lado, a perpetuação do *mito fundador* no imaginário político brasileiro levou a consolidação da imagem de um país sem conflitos ou diferenças sociais, o que pode ser visto como a base da Unidade. Portanto, ao minimizar as complexidades do cenário político nacional, os mitos políticos criam uma narrativa maniqueísta que impede aqueles que são influenciados por elas a perceber as intenções de seus propagadores e criadores.

Mesmo após os quatro signos mitológicos terem sido explicados e identificados na campanha eleitoral de Bolsonaro, ainda há uma questão pendente sobre toda a mitologia política criada em torno do militar. No início deste trabalho, objetivou-se o questionamento se o apelido *mito* era decorrente das constelações mitológicas envolvendo o parlamentar. Elas foram fundamentais para a sua vitória eleitoral em 2018, e ajudaram no enaltecimento da figura do parlamentar, porém os mitos agem de forma subjetiva sobre o imaginário político da população.

Caso as pessoas tivessem conhecimento dos mecanismos por trás formulações míticas, a narrativa mitológica deixaria de ser eficaz, perdendo seu poder mobilizador (BARTHES, 2001), sendo assim, é errôneo afirmar que essa alcunha se deve a formulação dos signos mitológicos. Então a que se deve o apelido *mito*? A chave para entender essa apelação talvez esteja na análise do comportamento do parlamentar nas redes sociais e a repercussão de suas falas polêmicas. Para isso, é preciso explorar o conceito de *trollagem* e os significados atribuídos à palavra *mito* no contexto da internet.

5. UM NOVO TIPO DE DISCURSO POLÍTICO?

A política na contemporaneidade passa por diversas transformações, viabiliza-se estratégias que repercutem informações tanto na mídia tradicional como nas redes sociais. “O sucesso eleitoral de políticos torna-se proporcional ao grau de identificação que conseguem arrebatam através de sua exposição midiática” (CIOCCARI et al, 2018, p. 55), e um dos que mais conseguiu isso nos últimos anos foi Bolsonaro, que criou uma base eleitoral consistente através de sua atuação nas redes sociais.

O deputado federal Jair Bolsonaro é um dos parlamentares mais atuantes nas redes sociais. Trabalha suas mídias com a mesma destreza de quem nasceu numa geração em que papel e caneta aparecem depois da tela do computador. Aproxima-se do espectador transformando-se num showman onde alterna promessas, compromissos, leviandades e acusações. Esse parece ser o espetáculo mais rentável; quando constrói sua imagem atrás da audiência que a mídia lhe tira. (Ibidem, p. 58)

Essa tática lhe garantiu que se tornasse a figura política mais seguida nas redes sociais, dado já comentado no início deste trabalho. Entretanto, o que é preciso avaliar é a forma como esse grande número de seguidores interagem e reagem a suas postagens, pois isso gera uma discussão pública informal, que muitas vezes é “legada a segundo plano, tratada como arena de baixo impacto no processo político” (CHAGAS, 2009, p. 42). Porém ela é importante, já que, como foi visto, a construção da imagem do político é feita a partir da forma como seus receptores captam sua mensagem. Portanto, é possível dizer que o apelido *mito* seja proveniente disso.

A partir da discussão feita sobre o conceito de mitologias políticas, chegou-se à conclusão que a construção de mitos em torno do parlamentar contribuiu para sua eleição, porém sua alcunha de *mito* pode ser entendida a partir de seu comportamento na internet. Por isso é necessário entender os novos significados atribuídos a essa palavra no contexto da internet. Uma sugestão do melhor caminho a ser seguido é explorar o conceito de *mitar*.

Esse termo é um neologismo, isso é uma palavra que surgiu a partir da derivação de outra. *Mitar* não possui ainda uma definição formal, porém quando buscado em sites que servem como dicionários informais, como por exemplo o *Dicionário Informal*⁸², se tem como significado: a ação marcante de alguém, que na internet pode ter sido realizada através de uma frase, música, imagem ou vídeo. No caso das redes sociais, *mitar* pode ser aplicado quando um comentário ou postagem ganha um número alto de compartilhamentos e curtidas devido a sua

⁸² Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>

relevância e capacidade de causar reações diversas nos outros membros da rede social. Isso pode ocorrer independente do teor de seu conteúdo, podendo ser engraçado, politizado, debochado, etc, o importante é chamar a atenção dos outros.

A partir dessa explicação, é preciso observar como ela se aplica no caso Bolsonaro. Pega-se como exemplo a semana em que ocorreu os episódios da denúncia da Folha de São Paulo sobre o aumento do patrimônio do parlamentar e sua família devido às suas atividades políticas, e uma entrevista entre uma repórter da Folha com o parlamentar⁸³. No primeiro caso, o patriarca do clã Bolsonaro se absteve de responder às perguntas do jornal, enquanto no segundo ele assumiu um tom de deboche como pode ser observado no trecho do material:

Repórter: O senhor utilizou, em algum momento, o dinheiro que recebia de auxílio-moradia para pagar esse apartamento?

Bolsonaro: Como eu estava solteiro naquela época, esse dinheiro de auxílio moradia eu usava pra comer gente, tá satisfeita agora ou não? Você tá satisfeita agora?

Ele reproduziu esse tom debochado em suas postagens decorrentes sobre o assunto naquela semana, respondendo e acusando os veículos que repercutiram a notícia de disseminarem informações falsas. Um levantamento feito pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic)⁸⁴ revelou que Bolsonaro obteve 382.831 compartilhamentos e 1.010.929 likes, gerados por 548.817 pessoas. Tudo isso em 33 posts⁸⁵. De acordo com Fabio Malini, coordenador do Labic, quanto mais a mídia divulgava informações pejorativas ao político, mais as redes sociais reagiam de forma positiva a imagem de Bolsonaro.

Como pode ser observado, há um grande alcance das publicações do político, porém para que sua mensagem possa ser considerada uma “*mitada*” é preciso que ela também gere

⁸³ MATTOSO, Camila; NOGUEIRA, Italo. 'Tem que pegar o meu patrimônio. Esquece meus filhos', diz Bolsonaro. Folha de São Paulo, Brasília. 11 de jan. 2018. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949837-daqui-a-pouco-va-querer-pegar-minha-mae-diz-bolsonaro.shtml>

⁸⁴ O Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, é associado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e também ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação. O laboratório tem como missão a realização experimental de produtos digitais e a promoção de pesquisas e atividades de extensão relacionados ao impacto da cultura digital nos processos e práticas de comunicação contemporânea.

⁸⁵ Os dados colhidos pelo Labic foram divulgados por Fabio Malini, coordenador do Labic, em sua conta pessoal do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/fabiomalini/status/952503336665837568>

reações por parte de seus receptores. De acordo com o Instituto Zeeng⁸⁶, no Facebook, Bolsonaro ocupa o topo de listas de reações que variam entre o “curtir” e carinhas que expressam amor, felicidade e tristeza, ao mesmo tempo que suas postagens tem um dos maiores percentuais de cliques na figura que indica raiva (5%). Durante o levantamento realizado entre 23 de setembro a 23 de outubro de 2017, foram contabilizadas 3,2 milhões de reações na página oficial de Bolsonaro.

É plausível se afirmar que devido à grande repercussão das publicações e a forma como elas provocam as mais diversas reações, o político consegue preencher os requisitos do *mitar* nas redes sociais. O que é preciso entender é o porquê de isso acontecer, o que leva as pessoas, sejam elas seus seguidores ou não, a terem os mais diversos tipos de respostas a suas publicações.

Um exemplo emblemático que pode ajudar a clarear essas questões é o episódio em que o ex-deputado Jean Wyllys cuspiu em Bolsonaro durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, como uma forma de reagir a uma provocação do militar⁸⁷. De acordo com Leo Nader, doutor em Filosofia pela Scuola Superiore Sant'anna, a ação do militar pode ser entendida da seguinte forma:

Jair Bolsonaro (A) ataca Jean Wyllys (B), ele não o faz pela reação de Wyllys, mas esperando que sua agressão ‘engatilhe’ ativistas LGBT (C), contando que suas intervenções extremadas causem reações em D, E, F e G, e por aí em diante. (NADER, 2018)

O filósofo afirma que o comportamento de Bolsonaro se assemelha a de uma figura típica da internet que é o *troll*.

5.1 TROLLS

As ondas de transgressões na informática e telecomunicações surgiram com a figura dos *phreakers* que na década de 1950 buscavam formas de usar as linhas de telefonia de formas indevidas. “Na sequência, a partir dos anos 1970, esses grupos se aliaram ao movimento contracultural e souberam aproximar suas práticas do espetáculo, o que contribuiu para uma

⁸⁶ TAVARES, Joelmir. Bolsonaro lidera influências nas redes sociais, aponta pesquisa. Folha de São Paulo, São Paulo. 25 de nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1938138-bolsonaro-lidera-influencia-nas-redes-sociais-aponta-pesquisa.shtml>

⁸⁷ MARANHÃO, Fabia; RAMALHOSO, Wellington. Jean Wyllys cospe em Bolsonaro e diz que faria de novo. Notícias UOL, Brasília. 17 de abr. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/17/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-faria-de-novo.htm>

certa glamourização do hacktivismo” (CHAGAS, 2019, p. 45). A internet demorou para ser completamente acessível, nos anos 1990 ela era ainda restrita para a grande população no geral, foi só a partir de meados de 2000 que ela se popularizou.

Nesse novo cenário digital, a figura do *troll* ganhou espaço. Originária da Usenet⁸⁸, o termo não é uma referência às criaturas folclóricas escandinavas, mas sim a uma técnica de pesca, o “*trolling*”. Os usuários dessa rede de computadores usavam a expressão *trolling for suckers*, que em português poderia ser traduzido como “lançando a isca para trouxas” (ZAGO, 2012, p. 152). Os *trolls* se multiplicaram na internet com o surgimento de fóruns gratuitos de imagens, sendo o principal deles o 4chan.org, criado em 2003. Conforme esse grupo cresceu, eles começaram a ser vistos como uma subcultura da internet.

Trolls têm transformado o que eram mais atos ocasionais e esporádicos, frequentemente focados em discussões virtuais chamadas de “*flaming*” ou “*flame wars*”, em um conjunto completo de normas culturais e práticas linguísticas. Esses códigos hoje estão tão bem estabelecidos e documentados que muito podem, e têm, seguido seus passos. (COLEMAN, 2012, p. 109-100)⁸⁹

A forma como os *trolls* agem vão desde *trollagens*⁹⁰ simples, como a postagem de uma mensagem ofensiva ou fora de contexto, até as mais complexas, onde é realizado um ataque coletivo bem orquestrado contra um alvo específico. “É comum a ideia de que o troll nunca faz uma ação única. Ele sempre volta: para medir a repercussão, para continuar a discussão, para aumentar a disseminação” (ZAGO, 2015, p. 152), portanto se tornou senso comum na internet evitar entrar em discussões com esse tipo de pessoa, pois isso alimenta o comportamento tóxico do *troll*, além de gerar mais visibilidade para ele.

Para se entender o comportamento do *troll* pode-se utilizar a abordagem de Morrisey (2010) que utiliza a pragmática para analisar essa subcultura. Ele utiliza a Teoria da Relevância (WILSON e SPERBER, 2005) para identificar três componentes essenciais da *trollagem*: a “intenção primária”, “intenção informativa” e “estímulo”.

A intenção de primeira ordem é o plano geral do troll, aquilo que ele realmente quer conseguir com a *trollagem*. A intenção informativa é o que o troll diz ou faz, o conteúdo que ele enuncia. O estímulo ostensivo é a estratégia aplicada pelo troll para

⁸⁸ O Usenet é uma das redes de computador mais antigas que ainda é usada. Ela é organizada por fóruns agrupados em tópicos específicos, onde os usuários postam mensagens de textos. Ela existe desde o fim da década de 1970.

⁸⁹ No original, “Trolls have transformed what were more occasional and sporadic acts, often focused on virtual arguments called ‘flaming’ or ‘flame wars’, into a full-blown set of cultural norms and set of linguistic practices. These codes are now so well established and documented that many others can, and have, followed in their footsteps”.

⁹⁰ *Trollagem* é um neologismo surgida na internet que significa chatear, tirar sarro, zombar. É o termo que caracteriza a atividade do *troll*.

atingir sua intenção de primeira ordem - é a isca que o troll espera que alguém morda, a cobrança para passar pela ponte⁹¹. (FRAGOSO, 2015, p. 137)

É comum que a intenção de primeira ordem da *trollagem* seja perturbar os demais e estimular conflitos, seja a partir da ridicularização ou inferiorização de outros (esses seriam o estímulo, e a forma como fazem isso a intenção informativa). Mesmo assim, saber o resultado que desejam alcançar é diferente de conhecer as razões pelas quais fazem isso. “A literatura elenca entre os principais motivadores da trollagem o divertimento, a vingança, o preconceito, a raiva e a autoafirmação” (ibidem, p. 139), sendo o entretenimento a motivação mais comum.

Isso é verdade mesmo em relação aos que escolhem trollar grupos vulneráveis, como os estudados por Herring e outros (2002). Além da diversão, esses trolls parecem ter outras motivações, como a busca de controle e empoderamento, que direciona o troll a atacar grupos mais frágeis, por exemplo, pessoas doentes. Já os trolls que se voltam para grupos estigmatizados (como homossexuais ou negros) são motivados por raiva e preconceito, por “ódio por pessoas que o troll considera diferentes ou ameaçadoras” (Herring e outros, 2002, p. 381). Outro tipo de raiva foi encontrado por Shachaf e Hara (2010), que estudaram trolls motivados também por vingança: “[...] ele [o troll] está furioso por causa do modo como foi tratado no passado” (entrevistado 6 in Shachaf and Hara, 2010, p. 9/13). (FRAGOSO, 2015, p. 139)

Coleman (2012) afirma que dentro da subcultura *troll* existe ainda a questão sobre os limites das práticas desse grupo, a autora explica que embora seja de conhecimento de seus membros que suas atividades devem ser mantidas no âmbito virtual, na prática a realidade é outra. Episódios que ilustram isso é o caso do *Swatting*, que consiste em uma pessoa ligar para a polícia alegando testemunhar um crime hediondo, como assassinato, para que uma equipe da *Swat*⁹² seja despachada para a casa de um terceiro. Essa *trollagem* é comum nas comunidades *gamer*, os *trolls* tendem a realizá-la quando querem atrapalhar a transmissão ao vivo ou a partida de um outro jogador, expondo suas vítimas a situações constrangedoras.

Outro aspecto importante da cultura *troll* é o anonimato. Como os fóruns de imagens não necessitam de cadastramento, se tornou praxe adotar pseudônimos ou identidades falsas, isso foi intensificado pela cultura dos games, onde a adoção de apelidos é obrigatória. “Como a literatura psicossocial tem notado a muito tempo, (o anonimato) incentiva o *flaming* e o comportamento rude” (COLEMAN, 2012, p.114). Contudo com a maior acessibilidade da internet, o ato de *trollar* começou a ser praticado até por pessoas que não são familiarizadas com todos os aspectos dessa subcultura, de forma que a publicidade gerada pelas *trollagens* se

⁹¹ Na lenda escandinava, os trolls eram criaturas grotescas e rudes que viviam debaixo de pontes e cobravam um tributo para permitir que as pessoas atravessassem. Em algumas histórias eles exigiam moedas, em outras algum pertence, isso varia conforme a narrativa.

⁹² Sigla americana para *Special Weapons and Tactics*, grupo de elite da polícia norte americana.

tornou um fator favorável para que muitos *trolls* saíssem do anonimato e/ou realizassem esse tipo de brincadeira para auto-promoção.

Um exemplo é comediante americano Patton Oswalt que publicou em sua conta oficial no twitter mensagens que a primeira vista poderiam ser entendidas como ofensivas. Em um dos tweets (figura 9) ele afirma que brancos e pretos deveriam ser mantidos separados. O que a princípio parece ser uma declaração racista, na verdade faz parte de uma única sentença que teve que ser dividida em duas partes devido a limitação de caracteres por tweet. No exemplo citado, a frase aparentemente racista era na verdade uma referência às cores de roupas que deveriam ser mantidas separadas na hora de lavá-las. Essa estratégia de Oswalt permitiu que ele ganhasse visibilidade da mídia, que reportou a brincadeira, contribuindo para o aumento de seu número de seguidores.



Figura 9 – Tweets de Patton Oswalt que separados podem ser entendidos como uma trollagem. Fonte: <https://twitter.com/pattonoswalt>

5.2 A TROLLAGEM NA POLÍTICA

Coleman (2012) em seus estudos sobre essa subcultura identificou que um método eficaz para conseguirem provocar suas vítimas é através da contestação do politicamente correto, que atingiu seu ápice durante as décadas de 1980 e 1990. A autora explica que a polidez da conversação online serve para a normatização do contexto, porém os *trolls* tendem a ignorar

isso e “zombam da ideia de que a linguagem, assim como tudo que é virtual, é algo que deve ser levada a sério⁹³” (COLEMAN, 2012, p. 111).

Essa transgressão de acordo com Chagas (2019) pode ser vista como um tipo de ação política, pois “é exatamente por confiar na relação intrínseca entre polidez e cooperação entre os atores participantes da conversação que um comportamento disruptivo pode expressar desagrado e protesto” (p. 43). Dessa forma o comportamento *troll* pode ser visto como uma forma de ativismo político, uma vez que ações coordenadas podem servir como uma demonstração de desagrado contra determinada política ou agente do Estado. Chagas cita como exemplo o chamado Vomitação:

O Vomitação se define como um movimento apartidário levado a efeito, em princípio, espontaneamente por internautas, sobretudo usuários do site de rede social Facebook. A ação consiste em publicar, em resposta a uma dada postagem na mídia social, o sticker “puke” (vômito) como comentário, para afirmar incômodo diante de uma determinada situação, especialmente relacionada a questões da esfera política nacional. (2019, p. 47)

Ao mesmo tempo que a *trollagem* pode ser utilizada como uma forma de protesto, ela pode ser benéfica para um político se projetar na mídia, pois quanto mais controversa ou impopular for a mensagem do *troll*, maior é a atenção que ele atrai para si. Não é a toa que nos últimos anos, alguns políticos tenham adotado esse tipo de discurso como parte de sua estratégia política. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é um claro exemplo disso. Em outubro de 2017, ele defendeu que se não fosse as redes sociais, especificamente o Twitter, não teria ganho as eleições presidenciais⁹⁴. Trump afirmou que “quando alguém diz algo sobre mim, eu sou capaz de *bing, bing, bing*⁹⁵, e dar conta disso pessoalmente. De outra forma, eu nunca conseguiria ter o direito a resposta⁹⁶” (SHEPARDSON, 2017), numa clara alusão ao seu comportamento nas redes sociais.

No twitter do presidente norteamericano, o conteúdo de suas postagens geralmente são ataques a oponentes políticos e a grande mídia. Às vezes elas também contêm informações

⁹³ No original, “*made a mockery of the idea that language, much like everything virtual, is anything that should be taken seriously*”.

⁹⁴ SHEPARDSON, David. Trump defends tweets as key to White House victory. Reuters, Washington. 21 de out. 2017. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-tweets/trump-defends-tweets-as-key-to-white-house-victory-idUSKBN1CR00B>

⁹⁵ Bing é uma expressão americana que indica uma ação repentina, como não há um correspondente em português, preferiu-se manter no idioma original.

⁹⁶ No original, “*When somebody, says something about me, I am able to go bing, bing, bing and I take care of it. The other way, I would never be get the word out*”.

imprecisas, como quando acusou o ex-presidente Barack Obama de grampear suas linhas telefônicas durante a campanha eleitoral de 2016. O que fica evidente é que ao assumir um comportamento típico de *troll* na internet, Donald Trump consegue se projetar na grande mídia que repercute suas falas, ao mesmo tempo, essa conexão direta entre emissor e receptor também aumenta o engajamento de seus seguidores. Como Brian L. Ott, doutor em filosofia e professor da Universidade de Tecnologia do Texas, aponta que a linguagem utilizada por Trump em suas ofensas, bullying e comentários abusivos “reforçam os sentimentos negativos de seus tweets e aumentam seu impacto emocional, que é, por sua vez, um reflexo da intensa emoção de seus seguidores, fenômeno que os estudiosos chamam de ‘contágio emocional⁹⁷’”. (OTT, 2017, p. 64).

No cenário nacional, tem-se Bolsonaro, que assim como Trump, pode ser visto como a personificação da figura do *troll* na política. Ele utiliza declarações polêmicas carregadas de preconceitos, não porque acha divertido, mas porque sabe dos efeitos que uma fala desse tipo pode causar. Ele ganha notoriedade com elas, seus alvos se indignam e repercutem seu nome e, conseqüentemente, atrai um número cada vez maior de seguidores, que “se preocupam menos com o que ele propõe, e mais com o impacto de que seus impropérios têm em seus adversários” (NADER, 2018). Como ocorreu em 2014, quando conquistou um eleitorado mais jovem e com acesso a internet que o apelidou de mito.

Pode-se afirmar que essa apelidação não vem da capacidade do parlamentar resolver os problemas ou de sua capacidade intelectual, mas sim por sua habilidade em causar indignação nos alvos certos. Para seus seguidores, toda declaração que irrite a oposição é digna de ser considerada uma “mitada”. “Ele ‘mita’ no enfrentamento, subsiste enquanto bastião imóvel do ‘senso comum’ contra a onda ‘problematizadora’” (Ibidem). Nas redes sociais, eles contribuem espalhando as *trollagens* do político através do compartilhamento de suas publicações ou da criação de páginas que exaltam as peripécias do parlamentar.

⁹⁷ No original, “These stylistic practices reinforce the negative sentiment of his Tweets and heighten their emotional impact, which is, in turn, reflected in the intense emotion of his followers, a phenomenon scholars refer to as ‘emotional contagion’”



Figura 10 – Resposta de Jair Bolsonaro ao tweet de Fernando Haddad durante as eleições. Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro>

O que Bolsonaro propõe não é uma crítica à ordem estabelecida, mas sim um espetáculo “– ou seja, o evento que causa barulho, mas não reflexão” (YURGEL, 2012, p. 15), e esse tipo de conduta é típica do *troll*, como Coleman alega. Um exemplo disso é a figura 10, onde Bolsonaro responde de forma irônica e ataca diretamente Haddad. É preciso entender que embora esse discurso seja a princípio uma forma de *zoeira*, a *trollagem* também pode ter um aspecto ideológico. Ott (2017) aponta em sua análise, que os tweets de Trump, mesmo os mais ofensivos, conseguiam transmitir ideologias como racismo, xenofobia e homofobia, portanto é plausível dizer que as mensagens de Bolsonaro em suas redes sociais façam o mesmo.

Sendo assim, a *trollagem* se torna um dos meios de propagação do bolsonarismo, pois ao mesmo tempo que ele caçoa, ofende ou ridiculariza seus adversários, o político produz o que Borba chama de propaganda negativa que “estimula o medo e a ansiedade, rompe as predisposições políticas existentes, fica retida por mais tempo na memória” (2015, p. 271), e, como visto anteriormente, a manipulação emocional é componente importante na criação de mitologias políticas. Dessa forma ele acentua entre seus seguidores a imagem de que os alvos

de seus ataques são os inimigos a serem combatidos e, conseqüentemente, é por isso que devem ser tratados desse jeito.

Ao mesmo tempo, esse comportamento disruptivo pode ser encarado como uma forma de protesto contra o *establishment*, uma vez que seus principais alvos foram os governos petistas e suas políticas públicas. Isso reforça a ideia entre seus pares de que é um *outsider* que vai contra a chamada política tradicional. Portanto a *trollagem* como estratégia política, demonstra funcionalidades que vão além de ser um simples chamariz. De certa forma, esse tipo de ação disruptiva pode servir como forma de protesto, e dependendo de quem a utiliza, pode contribuir para a criação de uma mitologia política em torno de seu agente. Antes de prosseguir para o desfecho deste trabalho, salienta-se que um usuário das redes sociais não precisa ter um conhecimento aprofundado da subcultura *troll* para captar todos os elementos presentes na mensagem do *trollador*, pois “a *trollagem* proliferou e explodiu a partir do momento em que a Internet foi povoada por pessoas de espírito não tecnológico”⁹⁸ (COLEMAN, 2012, p. 113).

⁹⁸ No original, “*trolling proliferated and exploded at the moment the Internet became populated with non-technologically-minded people*”.

6. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo discutir as transformações do conceito de mito político para o campo da Comunicação Política em um cenário marcado pelo uso intensivo das plataformas digitais de informação e comunicação do conceito de mito político. Com base nos trabalhos dos principais estudiosos sobre o assunto, Sorel, Barthes e Girardet, buscou-se a princípio entender as bases do discurso mitológico e suas possíveis manifestações.

No início desta monografia foi dito que os três autores apresentavam linhas de estudo diferentes, porém complementares. Essa afirmação pode ser comprovada ao longo da revisão das obras deles. Barthes e Sorel estudaram espectros diferentes dos mitos políticos, enquanto o primeiro observou o lado conservador, outro estudou o revolucionário. Girardet completa o trabalho de ambos ao identificar as estruturas presentes neles, o que confirma as conclusões dos autores que o mito político seria uma construção ideológica.

O que é importante perceber é que as narrativas lendárias buscam uma harmonia, ou seja, há eliminação do conflito. Em Barthes, ao naturalizar o *status quo*, o mito garante a conformidade da sociedade, acabando assim o embate causado pelas diferenças sociais. Já em Sorel, o mito revolucionário tem também como objetivo final a harmonia social, porém os meios para isso são diferentes. Girardet demonstrou que a fluidez entre as estruturas mitológicas apresentados por ele têm a mesma finalidade das dos dois pensadores.

Mas o que seria essa harmonia e o fim do conflito? Miguel explica que “o campo político é feito de dissenso, de conflito, de desunião; é percebido também como feito de deslealdade. Ele exhibe de forma permanente a falta de unidade dentro da sociedade” (MIGUEL, 2000, p. 41). A expressão máxima dessa desunião seria as campanhas eleitorais onde as diferenças entre cada candidato e os projetos de governo são expostos claramente. Então, ao pregar o fim do conflito, o mito político demonstra ser uma forma de rejeição à própria política.

Os estudos de Sorel, Barthes, Girardet foram realizados em um período onde os meios de comunicação de massa ainda assumiam um papel de hegemonia. Quando se averigua os trabalhos desses dois últimos, percebe-se que eles basearam suas conclusões na análise de propagandas (no caso Barthes) e de produtos culturais (Girardet estudou elementos mitológicos em obras literárias e culturais dos séculos XVIII à XX) em um cenário marcado pela divisão entre consumidores e produtores de mídias, onde esse último exercia total domínio sobre o outro.

Hoje, com os novos meios de comunicação digitais, vê as transformações nas relações entre emissor e receptor. Então para averiguar se houve alterações ou se os mitos políticos continuam eficazes, buscou identificá-los na campanha eleitoral de 2018 de Jair Bolsonaro, cuja estratégia foi utilizar as redes sociais como principal meio de comunicação com os eleitores. Obteve-se como resultado que o discurso mitológico ainda está presente nas falas e propagandas políticas, e conforme exposto por Girardet, elas se adaptaram para atender as especificidades do cenário brasileiro.

A internet, redes sociais e outras plataformas digitais permitiram o surgimento de formas inovadoras de fomento e disseminação dos mitos políticos. Tem-se que hoje a sociedade assume um papel mais ativo em sua elaboração. Um exemplo disso são os memes, as páginas de Facebook pró-Bolsonaro e o compartilhamento de notícias falsas que contribuíram para a construção do bolsonarismo. Isso não significa que o papel do emissor tenha diminuído. Pelo contrário, este trabalho identificou a *trollagem* como uma nova forma de estratégia política. Como se averiguou, ela pode contribuir tanto para o alavancamento de um político na mídia, como para a criação das mitologias políticas envolvendo o mesmo. Ironicamente ou não, no caso de Bolsonaro, essa tática o levou a ser apelidado de mito por seus seguidores.

Por fim, é preciso ressaltar que embora a *trollagem* esteja inserida em partes no discurso mítico, a eficácia desse tipo de mensagens não diminui quando se revela o comportamento do *troll*. Pelo contrário, isso pode até favorecer no aumento da visibilidade do sujeito. Isso vai em contrapartida ao que Miguel e Barthes afirmam sobre que “a revelação do mecanismo do mito sabota sua eficácia” (MIGUEL, 2000, p. 33). Devido a essa peculiaridade, surge como proposta para trabalhos futuros a realização de uma pesquisa mais aprofundada sobre a questão da *trollagem* como discurso político. Mesmo assim, pode-se concluir que os mitos e mitologias políticas se adaptaram às novas tecnologias, uma vez que elas se utilizam de novas formas comunicacionais para manter seu caráter mobilizador intacto. E que talvez o termo mito seja uma forma melhor do que o *pós-verdade*, para entender as narrativas falaciosas criadas por políticos.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Introduction to The Authoritarian Personality*. In: BROONER, Stephen Eric, KELLNER, Douglas MacKay. *Critical Theory and Society*. London, Routledge, 1989, cap.17, p.219-232.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. *Para especialistas, Bolsonaro adota visual simples como tática*. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de nov, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/para-especialistas-bolsonaro-adota-visual-simples-como-tatica.shtml>>. Acesso em 19/09/2019

ALVES, Alessandro Souza. *O Facebook e os mitos e mitologias políticas no Brasil* (2016). Dissertação (Graduação em bacharelado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução: Rita Buongiorno e Pedro Souza. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BELLO, André. *Origem, causas e consequências da polarização política, explica André Bello*. Poder360, 1 ago. de 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/opiniaogoverno/origem-causas-e-consequencias-da-polarizacao-politica-explica-andre-bello/>>

BOLSONARO, Jair Messias. *O caminho da prosperidade. Proposta de Plano de Governo*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://static.cdn.pleno.news/2018/08/Jair-Bolsonaro-proposta_PSC.pdf>

BORBA, Felipe. *Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras*. *Opin. Publica* [online]. 2015, vol.21, n.2, pp.268-295. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762015000200268&script=sci_abstract&tlng=pt>

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Desenvolvimento e crise no Brasil. História, Economia e Política de Getúlio Vargas a Lula*. São Paulo. Editora 34, 2003.

BRODY, Richard. *The uses of "Mythologies"*. The New Yorker, New York. 19 de abr. de 2012. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/culture/richard-brody/the-uses-of-mythologies>>

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHAGAS, Viktor. *Digerindo o indigesto: a escatologia política do Vômito*. Galáxia (São Paulo) [online]. 2019, n.40, pp.41-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-25532019000100041&lng=en&nrm=iso&tlang=pt>.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. *A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 112-129, jan. 2019. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n2p112>>.

COLEMAN, G. *Phreaks, hackers, and trolls: the politics of transgression and spectacle*. In: MANDIBERG, M. The social media reader. New York: NYU Press, 2012.

CULLER, Jonathan. *Very short introductions*. Oxford University Press, 2003

DA SILVA, H. A. *THOMAS HOBBS: POLÍTICA, MEDO E CONFLITOS SOCIAIS*. Cadernos de Ética e Filosofia Política, n. 30, p. 143-164, 2 out. 2017.

DIBAI, Priscila Cabral. *A direita radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro*. 2018. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2018.

FRAGOSO, Suely. *"HUEHUEHUE eu sou BR": spam, trollagem e griefing nos jogos online*. Revista Famecos, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 3, 2015.

GAVIÃO, Leandro., VALADARES, Alexandre. *Jair Bolsonaro: o candidato da (in)segurança pública*. Le Monde, 2 mar. de 2018. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-o-candidato-da-inseguranca-publica/>>

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo. Ed.Cia das Letras,1987.

HESÍODO. *Teogonia, a origem dos deuses*. Tradução Jaa Torrano. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008. (trad. Susana Alexandria)

JENNINGS, Jeremy. *Introdução*. In: SOREL, Georges. Reflections on violence / Georges Sorel; edited by Jeremy Jennings. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

JOANILHO, André Luiz. *Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas na Web*. Drops, São Paulo, ano 14, n. 080.08, Vitruvius, maio 2014 Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.080/5180>>.

LEMES, Conceição. *Professoras que estudaram 200 edições do Jornal Nacional mostram como cena de avião marcou operação de “silenciamento” do ex-presidente Lula*. Viomundo, 2018. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/jornal-nacional-e-mostram-como-cena-de-aviao-marcou-operacao-de-silenciamento-do-ex-presidente-lula.html>>. Acesso em 29/08/2019

MAGENTA, Matheus. *Eleições 2018: Como Bolsonaro superou a bolha radical na internet e terminou o 1º turno na liderança*. BBC News Brasil, São Paulo, 7 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45768006>>. Acesso em 30/08/2019

MICHAELIS. *Dicionário Michaelis On-line*. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>>. Acesso em 28-04-2019.

MIGUEL, Luis Felipe. *Mito político*. In: RUBIM, A. A. C. Comunicação e política: conceitos e abordagens. São Paulo: Editora Unesp, 2004a, cap.5, p.379-408.

MIGUEL, Luis Felipe. *Mito e discurso político. Uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

MORO, Sérgio Fernando. *Considerações sobre a Operação Mani Pulite*. Revista CEJ, Brasília, n. 36, p. 56-62, jul. 2004. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/artigo-moro-mani-pulite.pdf>>. Acesso em: 05 set 2019

NADER, Leo. **Repensando a postura da esquerda na criação do ‘mito’ Bolsonaro**. Justificando, 8 ago. de 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/08/01/repensando-a-postura-da-esquerda-na-criacao-do-mito-bolsonaro/>>

NASCIMENTO, L., ALECRIM, M., OLIVEIRA, J., OLIVEIRA, M., & COSTA, S. (2018). “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”. *Plural*, 25(1), 135-171. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2018.149019>

OTT, Brian. *The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement*. Critical Studies in Media Communication, n. 34, p. 59-68, 2017.

PAIVA CRUZ, Odair da. *Reseña de "Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária" de Marilena Chauí*. EccoS Revista Científica, UNINOVE, São Paulo, v.2, n.1, jun. de 2000, p. 98-100. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71520111.pdf>>

PASSOS, Mariana Rezende dos. *Mito e narrativa: a (des)construção da imagem pública de Lula no contexto da crise política de 2016*. 2017. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2018.tde-21022018-153016. Acesso em: 2019-06-01.

PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2003. Tradução Enrico Corvisieri.

POLIVANOV, Beatriz Bandrão. *Fazendo faxina no Facebook: implicações do gerenciamento e comunicação com a Rede de Contatos para Dinâmicas de Autoapresentação*. Revista de Estudos da Comunicação, [S.l.], v. 15, n. 38, nov. 2014. ISSN 1982-8675. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22473/21562>>.

Acesso em: 01 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/rec.v15i38.22473>.

RIBEIRO, L., LASAITIS, C., & GURGEL, L. (2016). *Bolsonaro Zuero 3.0: Um estudo sobre as novas articulações do discurso da direita brasileira através das redes sociais*. Anagrama, 10(2). Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/118020>

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2017.

RAOUL GIRARDET. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Raoul_Girardet>. Acesso em: 2 nov. 2019.

ROLAND BARTHES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Roland_Barthes&oldid=56624712>. Acesso em: 2 nov. 2019.

SAISI, Katia. *A construção da imagem política de Dilma Rousseff na mídia: a propaganda televisiva x a cobertura jornalística na Folha e no Estado na campanha de 2010*. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política, [S.l.], v. 7, n. 20, p. 31-50, set. 2014. ISSN 1982-6672. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/19904>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SAMOYAULT, Tiphannie. *Barthes: A Biography*. Trad. Andrew Brown. John Wiley & Sons, 2017.

SEIXAS, Maria João. *Raoul Girardet*. Público, 6 de ago. 2001. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2001/08/06/jornal/raoul-girardet-160563>>

SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, pátria e família: As mulheres no golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOARES, João Francisco JFS et al. *A Prostituição Sob a Ótica das Profissionais do Sexo*. Rev. Saberes, Rolim de Moura, vol. 3, n. 2, jul./dez., p. 63-75, 2015. ISSN: 2358-0909

SOARES, Jussara. *Bolsonaro diz que policial que mata '10,15 ou 20' deve ser condecorado*. O Globo, São Paulo, 28 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-policial-que-mata-10-15-ou-20-deve-ser-condecorado-23019806>>

SOREL, Georges. *Reflections on violence / Georges Sorel; edited by Jeremy Jennings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TELLES, Helcimara. *A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno*. Ponto & Vírgula. São Paulo, n. 19, p. 97-125, 2016.

VILALBA, Robson. *Notas de um tempo silenciado*. Porto Alegre: BesouroBox, 2015

YURGEL, Caio. *A ESTÉTICA DO ESPETÁCULO: Walter Benjamin: fragmentos*. Revista da Graduação, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 2, 2012

ZAGO, Gabriela da Silva. *Trolls e Jornalismo no Twitter*. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 150-163, mar. 2012. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/23832>>